

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Março - 2020
Ano LXXI - Nº 1
R\$ 6,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00

Compositor número 1

Nos 90 anos de Antônio Barros, o Correio das Artes refaz a trajetória artística do paraibano autor de mais de 700 canções, entre elas clássicos como 'Forró nº 1', 'Homem com H', 'Por debaixo dos panos' e 'Bate coração'

CONFIANÇA

NA HORA DE BUSCAR
A VERDADE DOS FATOS,
TODOS SABEM EM QUEM
PODEM CONFIAR. ●●●

PESQUISA DATAFOLHA

56% dos brasileiros confiam no **Jornal Impresso**
e **50%** nos **programas jornalísticos de Rádio**.

Pesquisa realizada entre os dias 18 e 20 de março

RÁDIOS TABAJARA AM/FM E JORNAL A UNIÃO
INFORMAÇÃO E ANÁLISE DOS FATOS COM RESPONSABILIDADE.

ACOMPANHE, ESCUTE, LEIA E COMPARTILHE.



AUNIÃO



Compositor com C (maiúsculo)

Um dos maiores patrimônios da música chegou aos 90 anos neste mês de março. Fomentador de uma parte importante do cancioneiro nordestino a partir dos anos 1940, Antônio Barros se tornou uma grife preciosa para intérpretes de alcance nacional a partir dos anos 1970, já com sua inseparável Cecéu.

Pela voz de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Elba Ramalho, Marinês, Ney Matogrosso, Trio Nordestino, Os Três do Nordeste e mais uma centena de artistas, viu - e ouviu - suas músicas chegarem ao topo do sucesso e fazerem fama de Norte a Sul do país.

A edição que você tem em mãos reverencia um dos últimos nomes do panteão do forró "raíz" a seguir de pé, ativo e lúcido, reencontrando o passado a cada "tum, tum, bate coração", ou "sanfona velha do fole furado, só faz fum, só faz fum" que ecoa, hoje, pela internet, propagando o legado do paraibano de Queimadas.

A edição reverencia um dos últimos nomes do panteão do forró "raíz" a seguir de pé, ativo e lúcido, reencontrando o passado a cada "tum, tum, bate coração" que ecoa pela internet

Nas próximas páginas, o tarimbado pesquisador Fernando Moura vai levá-lo por esse passeio pela vida e obra de Antônio Barros, do momento em que ele larga a roça, em Queimadas, e segue rumo ao Rio de Janeiro, depois de passar por Campina

Grande e Recife, até o encontro com sua parceira de vida e de palco, Cecéu.

Produzida sob a temperatura e a pressão causada pela pandemia de coronavírus que confinou o mundo em suas casas, a edição ainda traz um conto inspirado no isolamento social, além de muita poesia, análises e reflexões sobre a arte e a cultura.

Afinal, isolados ou não, o mundo não para. Enquanto você lê este texto, músicos, escritores, cineastas, artistas visuais propagam seus trabalhos pela câmera do celular, ou simplesmente aproveitam a temporada para focar em novas obras (que o diga Bob Dylan, que em plena crise, acaba de lançar sua primeira música inédita em oito anos).

Mas isso é pauta para um próximo número...

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



PESTANA

Um dos personagens mais célebres de Machado de Assis leva a escritora e desenhista Sara Carvalho a refletir: fazer arte ou sobreviver



COVID-19

A pandemia de coronavírus e o isolamento social que aflinge o mundo inspiram conto inédito do escritor Francisco Gil Messias.



POESIA

Um dos pilares do Grupo Sanhauá, o poeta Sérgio de Castro Pinto brinda esta edição com cinco biscoitos finos.



RESENHA

Linaldo Guedes se debruça sobre o mais novo livro do poeta gaúcho Lau Siqueira, a antologia 'O Inventário do Pêssego'.



OUIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéia
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

Antônio Barros

O maior hitmaker do Nordeste faz 90 anos

Antônio Barros Silva é o maior hitmaker do Nordeste, quiçá, do Brasil. Na companhia de sua inseparável Cecéu, o casal contabiliza a autoria de 708 canções gravadas pelos mais diversos artistas brasileiros (e alguns estrangeiros), uma constelação que vai Luiz Gonzaga a Elba Ramalho, de Jackson do Pandeiro a Genival Lacerda, de Os Três do Nordeste ao MPB-4, de Ney Matogrosso a Gilberto Gil.

No último dia 11 de março, Antônio Barros festejou bem vividos 90 anos. Morando em um confortável apartamento de classe média em João Pessoa (PB), depois de uma temporada em Brasília, o autor de 'Homem com H', 'Por debaixo dos panos', 'Bate coração' e 'Procurando tu' ainda pega o violão e, junto com Cecéu, relembra sucessos. Aqui e ali, "compõe uma coisinha", como atesta reportagem publicada pelo jornal A União no dia do aniversário do compositor, alertando para o fato de que o casal ainda tem cerca de 140 músicas inéditas guardadas na gaveta. "Nasci para isso", costuma repetir Antônio Barros.

Nesta reportagem especial, assinada pelo pesquisador Fernando Moura, coautor de *O Rei do Ritmo*, biografia definitiva de Jackson do Pandeiro, o **Correio das Artes** refaz a trajetória artística do menino que largou o roçado em Queimadas para se tornar uma verdadeira "grife" na música brasileira.

**Autor de sucessos
como "Homem com
H", 'Por debaixo
dos panos' e 'Bate
coração' Antônio
Barros tem sua
trajetória contada
pelo pesquisador
Fernando Moura,
que está escrevendo
uma biografia sobre
o compositor**



*Acesse o QR Code e relembre
alguns dos maiores sucessos
de Antônio Barros em nossa
playlist exclusiva*

CANTANDO COM A CABEÇA DENTRO DE UMA LATA DE QUEROSENE

Fernando Moura

Especial para o *Correio das Artes*

Até os quatro, cinco anos de idade, Toinho não sabia o que era música. Em Queimadas, onde nasceu (11/3/1930) e viveria até os 13 anos, não havia energia, aparelho de rádio ou difusora. Pequeninha, distrito da grande Campina Grande, os músicos que passavam por suas ruelas sem nome, normalmente seguiam apressados, ávidos pelo destino que se avizinhava. Quando paravam, ensaiavam algum desafio, uma peleja qualquer, um dedilhado solto, feito o passaredo das cercanias. Antônio bicava essas migalhas. “Eu ficava pastorando”, lembra o ancião, sintonizando o guri que guarda em si até os dias que seguem.

Em tardes mornas, ao crepúsculo das horas, Letício Vieira, o solitário violonista do lugar, fazia da calçada palco e distribuía aos passantes acordes de canções só conhecidas por ele. Do outro lado da rua, o futuro alquimista de melodias imortais era cativado pelas sonoridades rústicas daquele estranho e inacessível instrumento. Era feliz nesses instantes, na mesma proporção que sentia um vazio na alma em outros infindáveis minutos silenciosos. Não atentava a razão, até o dia que um morador mais abastado sintoniza a Rádio Clube de Pernambuco, aproveitando o gerador de luz instalado pela prefeitura, trazendo modernidade – e sonoridades – das seis às dez da noite, mudando rotinas domésticas e hábitos sociais. Para o menino, mudaria a vida e a história da música popular brasileira. O caminho se ilumina.

A primeira audição “formal”, porém, nem foi um samba, um bolero, uma embolada, uma sinfonia ou uma rumba. “Aos cla-

rins do congresso sagrado, Pernambuco se ergueu varonil...” – retumbava a geringonça, vaporizando aos ouvintes os timbres cadenciados do coro que saldava a abertura de um congresso eucarístico, transmitido ao vivo pela potente emissora recifense. Era um hino religioso, mas Toinho ainda não sabia diferenciar gêneros e estilos. Fica encantado com o que absorve – e imagina. “A música foi entrando em mim”, admitiria décadas depois, ainda retendo na memória trechos da canção que o despertara para a musicalidade existente no mundo.

Em meio a 10 irmãos vivos à época (Arquimedes, Zé Abelha, Valdemira, Alzira, Doralice, Mauro, Sebastião, Antônio, João, Maria da Guia e Romualdo), o menino seguiria, a partir dali, entre o roçado (ajudando o pai, Severino Abelha), a escola (que não gostava), as audições dos rádios alheios e o quintal da casa, que transforma em “estúdio” particular. Era ali que viajava nas ondas da “rádio lata”, preocupando a mãe (Luíza) com as esquisitas peripécias infantis: “Tá fazendo o quê aí, menino?”. Estava cantando uns “negocinhos”, com a cabeça metida dentro de uma lata vazia de querosene. “Adorava ouvir o eco da minha voz... Parecia estéreo”, lembraria depois de adulto, ao ser apresentado a um som estereofônico. Não demoraria muito para escutar as próprias canções entoadas a esmo. Primeiro, pelas bocas dos bêbados e boêmios da região. Depois, pelas vozes mais brilhantes da constelação musical nordestina, na qual se insere com a luminosidade devastadora de uma queimada em solo seco. ▶

EM CAMPINA AS PRIMEIRAS, COMPOSIÇÕES

► A fertilidade poética e melódica do compositor Antônio Barros Silva nasceria da argamassa de Queimadas, mas seria a argila de Campina Grande a principal matéria-prima a preencher seu forno criativo inicial. Foi na “Rainha da Borborema”, a partir dos 13 anos, que enrijeceria a massa lúdica que trouxera da zona rural, ofertando generosamente aos seres urbanos o melhor cenário que absorvera do campo, ajudando a moldar gerações e a esculpir boa parte de um monumento universal chamado nordeste. Seu chão teria mais que pó de ossos.

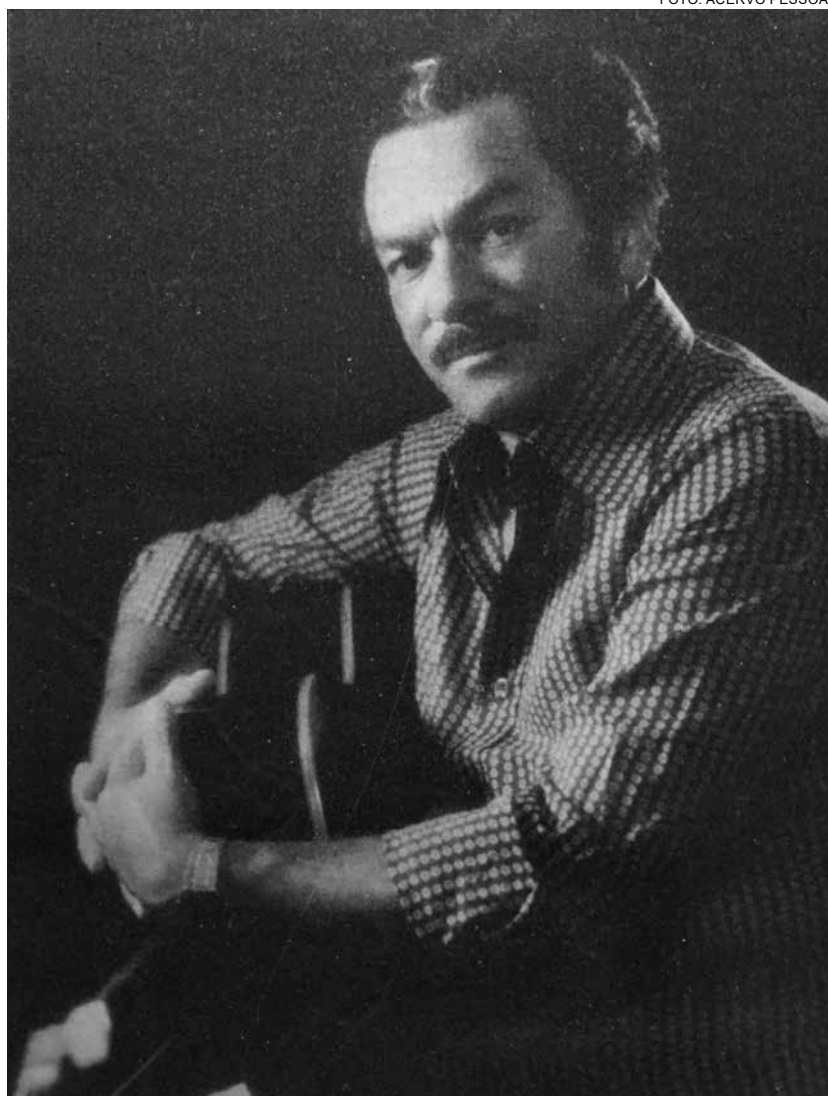
O menino serelepe, porém, não imaginava nada disso quando a família se muda para Campina, adotando a Frei Caneca como lar, embora mantendo o roçado em Angicos, garantindo o sustento da numerosa prole. Antes temida pelo matutinho, quando era levado pelo pai no passeio mensal, agora a cidade grande passa a ser um diversificado laboratório musical, uma espécie de “lata” gigante. A nova colmeia dos “Abelha” – como os Barros também eram conhecidos.

Com o irmão mais velho, Mauro – exímio pandeirista, amigo de farra e forró do jovem Zé Jack, o futuro Jackson do Pandeiro – aprenderia a manusear o instrumento percussivo e a frequentar a zona boêmia. “Baile Azul” e outras “casas de recursos” passam a contar com a discreta, mas constante visita do rapaz. Não pelo requebrado das moças, mas pelo balanço dos instrumentistas. Só tinha olhos – e ouvidos – para as sonoridades desses ambientes. Neles, descobre que músicas podiam ser “feitas”, que não cresciam – ao que pensava – como flores, nem surgiam como o vento. Dino, o saxofonista, fizera uma: “Goiás, coração do meu Brasil, tens riquezas minerais,

nos sertões orientais...”. Ele também seria capaz?

Por volta dos 17 anos, arrisca a primeira composição, “Acores de um Coração” (cujo título pega emprestado de um filme que passava no Cine Capitólio). De Campina para o roçado, na garupa de um jumento, vai tecendo seu manto poético: “Era, porém, o motivo/ Ela zombava de mim/ Isso não é natural/ Viver pra sofrer tanto assim/ Sofre o meu violão/ E também sofre os acores do meu coração”. Exibe aos primos, dedilhando no violão que aprendera sozinho. Aham bonita, mas não conheciam. Então, ele “fizera”. Nunca mais pararia de compor. Hoje, depois de centenas de sucessos gravados, considerado o maior compositor da história da música nordestina, arrisca sintetizar a própria trajetória numa única frase: “Nasci pra isso. É um dom divino”.

Enquanto “Tintino”, na fei-



A zona boêmia de Campina Grande passou a contar com a discreta presença de Antônio Barros, que frequentava o lugar de olho no balanço dos instrumentistas que tocavam na noite

ra de Queimadas, e “Baleado”, pelo meretrício, entoavam as canções românticas de “Toin”, o autor (“todo ancho”) ensaiava os primeiros passos como cantor, arriscando a voz em programas de calouros da Rádio Cariri e na difusora de Gaúcho, em Zé Pinheiro, interpretando sucessos de Orlando Silva, Silvio Caldas, Anísio Silva, Augusto Calheiros e outros ídolos da época. Mas o batismo de fogo viria mesmo na inauguração da Rádio Caturité, em 1951, quando acompanha no pandeiro as diabrices de Sivuca, tocando “Brasileirinho” com perícia veterana. Passa com louvor. Ganha o respeito dos colegas, o gostinho da popularidade e vontade de desbravar o mundo. Recife, para começar. ►

EM RECIFE SURGE O MATA SETE

Depois de Campina Grande, só Recife para aplacar a sede de estrada do inquieto rapaz. Músico, andarrilho e romântico. Traçadas as linhas de sua trajetória, Antônio Barros parte para a capital pernambucana aos 22 anos, cumprindo o roteiro obrigatório de todo artista que pretendesse chegar ao palco principal, o Rio de Janeiro. Já tinha chão e sementes pra isso. Antes de chegar perto do mar e realizar o sonho infantil de conhecer os continentes de navio, deixa raízes fincadas na Serra da Borborema: um repertório em construção, três filhos (Davi, Saulo e Carlos), um casamento desfeito (com Divânea) e uma longa temporada em Patos (no alto sertão paraibano), tocando pandeiro com Mauro. Era hora de outro recomeço. Abraça o instinto mais uma vez e cruza a fronteira vizinha, em busca de novos caminhos.

A rigor, o jovem compositor queria mesmo era ser marinheiro. Tenta se alistar, mas o primário incompleto e a estampa franzina barram a tentativa. Para sobreviver, passa a auxiliar um amigo na manipulação de retratos, restaurando e colorindo fotos antigas. Mora uns tempos em Água Fria e se instala no Alto Zé do Pinho, numa casinha de taipa: um “favelado respeitável”, ao que se lembra. Segue compondo (sambas, frevos e baiões), frequentando os locais onde os músicos se reuniam (como a Rua do Imperador) e cavando espaços esparsos nas rádios Tamandaré, Clube de Pernambuco e Jornal do Comércio. Cercado por concorrentes, nada contra a maré.

Em 1956, seguindo a consagrada formação criada pelo ídolo Luiz Gonzaga, articula com Mauro (no pandeiro) e Zé Calixto (na sanfona) o trio “Mata Sete e Seu Conjunto”. O “matador” era ele, que cantava, tocava triângulo e abastecia o grupo com composições próprias. Desenten-

dimentos entre os irmãos levam à dissolução do “bando”, com os integrantes seguindo carreiras solo. O desejo de seguir para o Rio ganha força e vira meta por esses dias.

Quando chega 1957 – o ano da virada –, Antônio resolve apostar alto e se aproxima do criador de “Asa Branca”, em excursão por Recife. Consegue mostrar duas composições feitas especialmente para o mito: “Estrela de Ouro” (“Coroa, reinado, tudo isso o baião me deu/ Estrela de ouro, no meu chapéu, roupa de couro e gibão...”) e “Resposta de Mata Sete” (“Cabra da peste você tenha mais cuidado, quando abrir a boca pra falar demais...”). Gonzaga se interessa. Guardasse, que ele gravaria. Entre lisonjeado e desconfiado, o impaciente compositor não aguenta esperar e repassa “Estrela...” para Marinês (com modificações na letra, não chegando a ser gravada) e “Resposta...” para Genival Lacerda (que só conseguiria lançar em 1965). Vai tocando o barco, com a desenvoltura dos inocentes.

“Estou cansado de levar patada”, reagiria Luiz, tempos depois, ao saber pelo próprio autor sobre o impetuoso desvio das músicas, interrompendo o curso de tão promissora parceria – e o presumível passaporte para a Cidade Maravilhosa. Um choque – e obstáculo – inesperado. O súdito perde o beneplácito do monarca e a estrela reluzente ganha o tom opaco do desdém. Acabrunhado, resolve reagir. Vende uns troços, arranja uma malinha, um paletó amarelo de linho caruá, e embarca no navio “Raul Soares” rumo à constelação predestinada. Viaja no porão na rota do Rio. Não demoraria muito, estaria sentado à mesa do capitão de um transatlântico, conhecendo o mundo, fazendo música e remando (“...no balanço do mar”) até o porto seguro do reconhecimento artístico.



Quando chega 1957

– o ano da virada

–, Antônio resolve

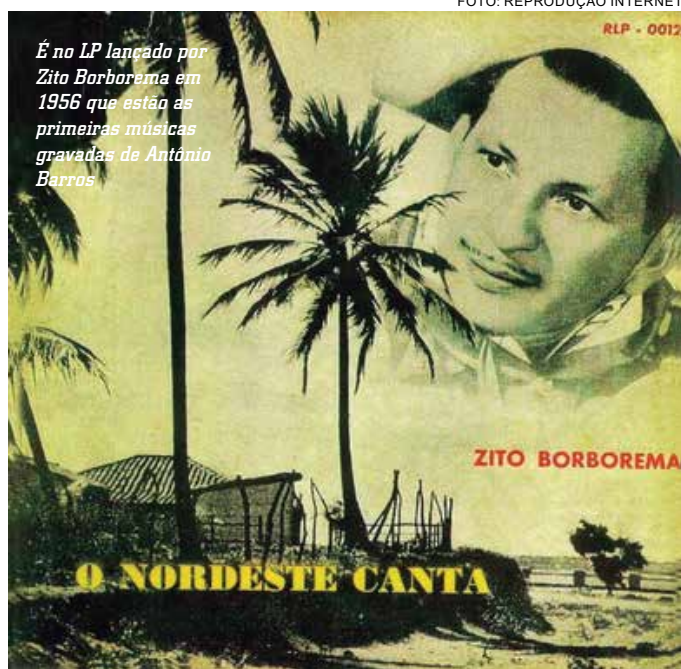
apostar alto e se

aproxima de Luiz

Gonzaga, que

passava por Recife

em uma excursão



► Seria Zito Borborema, marcante intérprete da safra pioneira de forrozeiros, forjados entre Campina Grande e Recife, a gravar em disco (*O Nordeste Canta*) as primeiras composições de Antônio Barros, coletadas ainda na capital pernambucana: o baião “Chão Moiadinho” (“Tá bonitinho, o chão/ Tá moiadinho, o chão/ Tá plantadinho, o chão/ Lá no sertão...”) e “Cabra Valentão” (“Não vou lá, eu não vou lá não/ Já me disseram que esse cabra é valentão...”). A partir dali, o “Toinho” de Queimadas só passaria a existir em espírito e letras saudosas. Deixara de ser inédito. Finalmente.

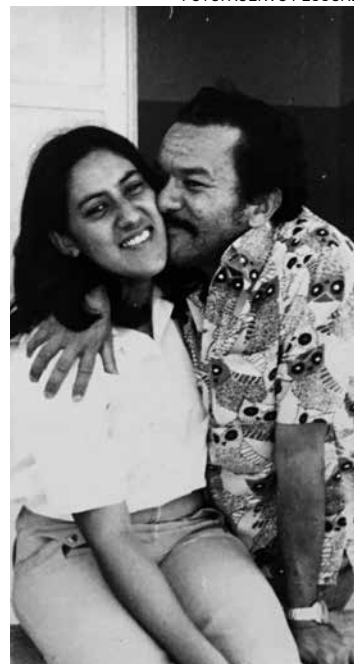
Mas o ano nem terminara e outra composição ganha versão discográfica, entrando no repertório do rei do ritmo, destinada ao carnaval de 1958 (a marcha “Velho Sapeca”, em parceria com José Saccomani): “Velho barrigudo, metido a sapeca/ Além de baixo e gordo, também é careca/ Sai dessa folia velho feio e perereca...”. O sucesso, porém, só chegaria em 1959, com a gravação de “Baião do Bambolê”, em parceria com Almira Castilho: “Mas inventaram um tal de bambolê/ Que negócio da mulesta foram inventar...”. Esse também seria o ano a desatar o nó com o rei do baião, que resolve interromper a birra e grava “Estrela de Ouro”, ampliando a visibilidade do compositor, que continuaria Tateando pela sobrevivência.

No ano seguinte, Marinês, a integrante feminina da santíssima trindade da música nordestina, completaria a escalada monárquica inicial. Por sugestão de Abdias, a rainha do xaxado gravaria quatro composições de Antônio Barros no LP de estreia na RCA, *Marinês e Sua Gente*: “Depois da Asa Branca” (“Adis pois que a Asa Branca, arribou do meu sertão/ Nunca mais que teve chuva/ Nunca mais se ouviu o tronco do trovão...”), “Saudade do Nordeste” (em parceria com Aleixo Ourique), “A Banda do Zé” e “Do Lado de Lá” (ambas em parceria com Adelino Rivera). Um ano depois, em 1961, seria a vez do compositor emprestar voz às próprias criações e gravar, em 78 RPMs, dois xotes de seu inesgotável (e nem sempre conhecido) repertório: “Xote do Bebo” e “Xote da Galinha”.

Tocando pandeiro na boate “Pigale”, a convite de Buco do Pandeiro, vai travando conhecimento com outros compositores, músicos e intérpretes, distribuindo as criações que não paravam de surgir de seu bisaco sem fundo. Um chamado repentino interromperia a rotina do artista que vê-se, do dia pra noite, tocando contrabaixo acústico no conjunto principal do navio de cruzeiro turístico “Ana Neri”. O músico original enjoara na primeira viagem e Antônio era o único disponível para integrar a trupe, de passagem pelo Rio a

caminho de Buenos Aires. O improviso duraria sete anos e renderia alguns clássicos no futuro.

Nesse meio tempo, entre idas e vindas, trava amizade com os integrantes do Trio Nordestino (Coroné, Cobrinha e Lindu), passando a abastecê-los, a partir de 1966, com composições que ajudariam, além de moldar o próprio conjunto, a compor um roteiro imortal dos festejos juninos: “Xaxado Bossa Nova” (1966), “Amor pra Todo Lado” (1967), “Naquele São João” (1968) e “Minha Querida” (1969) seriam as primeiras, entre cerca de 100 registradas em disco pelo conjunto. Em 1970, com “Procurando Tu” (em parceria estratégica, embora fictícia, com o radialista baiano J. Luna), Antônio acharia seu lugar definitivo no grupo de elite da música regional. Mesmo sem procurar, também encontraria nesse ano a jovem Mary Maciel, a “Cecéu”, entrelaçando uma parceria de vida e arte que aplacaria a solidão involuntária do quarentão e gestaria uma ruma de outros sucessos ao longo do tempo. Traça nova rota. O coração bateria mais forte a partir desse momento – e para sempre. ►



Foi nos anos 1970 que o coração de Antônio Barros bateria mais forte, ao encontrar Mary Maciel, a Cecéu

OI, TUM, TUM, BATE CORÇÃO

» Embora platônica, a música foi a primeira paixão de Antônio. Mesmo vindo depois, os arrebatamentos do coração saltariam da vida diretamente para uma obra recheada de encontros e desencontros do amor. “Sou um romântico”, admite, apontando trechos reveladores de um repertório embevecido dos êxtases e amarguras das paixões. Fazer amor depois do café ou ficar triste porque ela não veio na noite alegre de São João compõem – e traduzem – um cenário quase autobiográfico, não fosse a conveniente licença poética atribuída a todo artista transbordante de emoções e imagens, como é o caso do autor de “Procurando Tu”.

Até encontrar Cecéu, sua mais intensa e completa paixão, o adolescente, o jovem e o homem experimentaram outras etapas passionais, com desfechos tão variados quanto seu eclético repertório. Eudócia, a prima, seria o primeiro encantamento. Durante a semana, em meio ao trabalho no campo, trocavam olhares e roçados de mão. Brincavam de namorar. Aos domingos, na feira de Queimadas, “Neguinha”, com 18 anos, despertava e retribuía outros olhares. Toinho, aos 17, fechava o cenho, transbordando cismas e ciúmes. O tio, João, encerraria os arroubos adolescentes com fina ironia, ao modo sertanejo: “Olha ali sua namorada!”, adverte, apontado um cipó de jucá adormecido num canto. Hoje, relembra com singeleza. Na época, o rapaz esqueceria ligeiro.

Variadas paixões surgiram depois e, do mesmo modo, desmembradas do cotidiano e transferidas para os recantos de sua obra, abastecida de chamegos, gargalhadas e lágrimas. Antes de chegar à “idade do lobo”, já

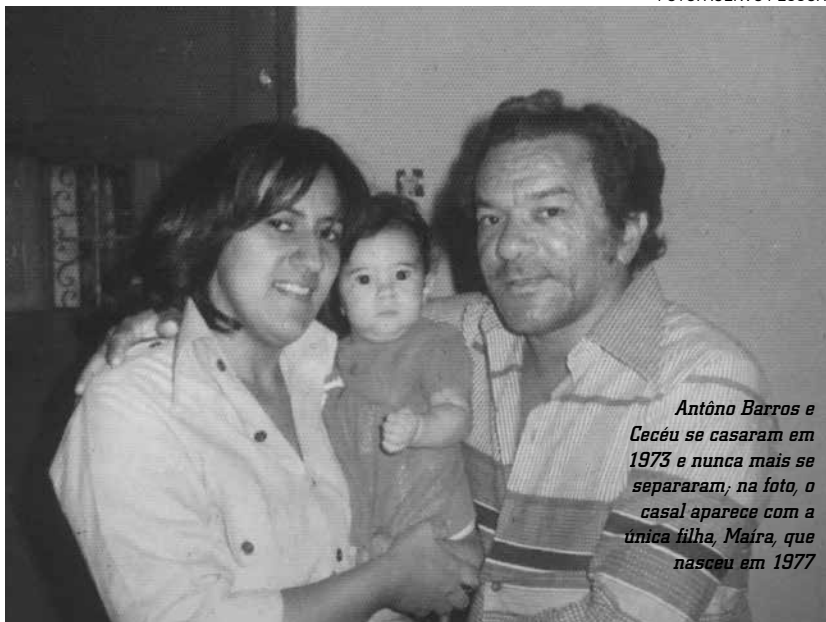
acumulara dois casamentos desfeitos, um com Divânea, com quem teve três filhos, (Davi, Saulo e Carlos), e outro com Isabel, gerando a primeira filha, Rozana. A solidão inspiradora parecia não querer abandoná-lo.

Aos 41 anos, em 1971, Antônio Barros virara sinônimo de sucesso, uma moenda incessante na produção de xotes, baiões, sambas, frevos, marchas, cocos, rojões e outros balanços nordestinos, destinados à avidez de intérpretes (iniciantes ou consagrados), trios forrozeiros e produtores fonográficos. Atendia a todos, numa base de 40 a 50 composições por ano. Vira grife. Melhor de bolso, nome admirado entre artistas e público, decide passar uns tempos em Campina Grande. Se instala na casa da irmã Dóra, costureira renomada da Vigário Calixto, vizinha de Severino e Maria, pais de Cecéu, a formosa e inteligente filha única do casal de bodegueiros.

Aos 21 anos, romântica e recatada, Mary ainda não conhecera o verdadeiro amor, embora sentisse um frisson ao ouvir os boleros e sambas de Anísio Silva, Cauby Peixoto e Ângela Maria, sonhando acordada quando brechava o mundo inacessível dos ídolos, através da Revista do Rádio. De carne, osso e galanteios, o artista Antônio Barros seria uma tentação gradativa, mas irresistível. Casariam dois anos depois. “Esse encontro estava escrito nas estrelas”, admitiria, após mais de

quatro décadas de cumplicidade na mesa, na esteira e nos palcos.

Com algum tempo de casados, residentes no Rio, descobrem que também tinham afinidade na arte de compor. Tímida, nunca mostrara antes as letras e poemas que escrevia desde a adolescência. Com o marido, resolve avançar. Em 1975 surgiria a primeira parceria, “Canção do Roedor” (“Essa é a canção do roedor, se seu amor lhe deixou, venha comigo roer...”), dirigida a Os 3 do Nordeste, em comecinho de carreira. Em 1976, na esteira do sucesso de Jane e Herondy (“Não se vá...”), surge então a dupla “Tony & Mary”, que lança um LP (pela gravadora Som) com 12 baladas românticas criadas pelos dois, mas assinadas apenas por Cecéu, numa estratégia pactuada, na tentativa de melhorar a arrecadação autoral. A vendagem pingada e o nascimento da filha Maíra, em 1977 (herdeira artística), interromperiam a linha “cafona” da dupla, que se volta, definitivamente, para as raízes nordestinas. “Bate Coração”, expoente dessa safra, surgiria primeiro com Marinês, em 1980, sendo regravação em 1982 por Elba Ramalho, a outra intérprete feminina mais constante e disseminadora das criações da “instituição” Antônio Barros & Cecéu, o casal de compositores nordestinos mais fértil de todos os tempos. Setecentas e oito gravações registradas pelo Ecad atestam isso. As mais de 300 regravações também. »



Antônio Barros e Cecéu se casaram em 1973 e nunca mais se separaram; na foto, o casal aparece com a única filha, Maíra, que nasceu em 1977

OS SANTOS DE BARROS

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET

Duplas, trios, quartetos, bandas e até orquestras de forró surgem a cada safra junina, abastecendo com sonoridades peculiares terreiros, ruas e salões nordestinos, alimentando o encantamento daquela que é considerada “a mais brasileira das festas”^(*), mas também atizando as brasas da fogueira do mercado fonográfico, incluindo as relações do *show business*, envolvendo interesses variados e cifras cobiçadas. A peleja entre a matriz tradicional e a vertente modernosa (ao estilo pancadão) ainda não tem hora para acabar.

Talvez nem haja desfecho retumbante, considerando aspectos midiáticos e a pragmática faceta mercantil que absorve profissionais de todos os níveis, num país com elevados déficits de emprego e qualificação de mão de obra. Previsivelmente, a queda de braço tende a esticar por muito tempo.

Mas em qualquer dos ambientes, antes ou agora, na sala de reboco ou no palco feérico, sempre poderão ser ouvidas canções originais ou releituras de intérpretes consagrados no universo da música popular brasileira, germinados do chão nordestino, como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Marinês, Jacinto Silva, Zito Borborema, Genival Lacerda, Sivuca, Anastácia, Dominginhos, Messias Holanda, Abdias, Pinto do Acordeon, João Gonçalves, Flávio José, Biliu de Campina, Nando Cordel, Jorge de Altinho, Coroné Ludugero, Elba Ramalho, Assisã, Amazan, Luizinho Calixto, Ton Oliveira, Marcos Farias, Zé Calixto, Zé Ramalho, Elino Julião, Gilberto Gil, Xangai e tantos quantos mais possam ser lembrados, inques-

tionáveis esteios e espíritos do forrobodó e suas genéticas melódicas e rítmicas.

Costurando esses cenários variáveis, em tempos e estilos, um nome se destaca: Antônio Barros, o “Senhor Forró” – ou “Senhor Nordeste”. Sozinho ou em parceria com Cecéu e outros privilegiados coautores, Antônio conseguiria reunir, ao longo de uma carreira ainda ativa (são mais de 100 canções inéditas), o maior “cardápio” musical entre todos os disponíveis na configuração do forró nordestino. É o escriba por trás de reis, rainhas, príncipes, princesas e demais integrantes da realeza sonora regional.

Porém, tanto os festejos juninos como a própria trajetória da dupla AB&C, seriam bem diferentes e menos lúdicas sem o precioso cancioneiro registrado pelo Trio Nordestino e Os 3 do Nordeste. Abastecidos com composições de Antônio (na década de 1940) e do casal (a partir dos anos 1970), os dois grupos, desde os surgimentos, absorveram e deram vozes personalíssimas a um repertório “regional” e “nacional”, mas fundamentalmente dedicado às coisas, brincadeiras, comidas, bebidas, ritmos, danças, adivinhações, saberes e fazeres, místicos e profanos, associados a Santo Antônio, São Pedro e São João.

O forno inventivo de Antônio está para Lindu, Coroné e Cobrinha, do Trio Nordestino, e Cacau, Parafuso e Zé Pacheco, d’Os 3 do Nordeste, como Zé Dantas e Humberto Teixeira

estiveram para Luiz Gonzaga, e Rosil Cavalcanti para Jackson do Pandeiro. Sinônimos de qualidade e nordestinidade. Certeza de que naqueles – ou neste – São João, a alegria foi assegurada, em grande parte, por obra e graça de um “homem com h”. ♥

Fernando Moura é jornalista, pesquisador e biógrafo. É coautor de ‘Jackson do Pandeiro - O Rei do Ritmo’ (Editora 34) e está escrevendo a biografia do casal Antônio Barros & Cecéu. Vive em João Pessoa

Antônio Barros



Senhor Forró:
Antônio Barros e
alguns dos mais
famosos intérpretes
de seu vasto
cancioneiro



(*) Expressão atribuída a Roger Bastide (1898-1974), antropólogo francês que viveu e estudou a sociedade brasileira na primeira metade do século 20.

Rigoroso, Jacob do Bandolim perseguia, tenazmente, o estatuto da perfeição, mas também a expressão do extremo respeito que devotava ao seu público

No dia 14 de fevereiro de 1918, há 102 anos, portanto, nascia aquele que é seguramente um dos maiores vultos da música instrumental brasileira, o mestre Jacob do Bandolim. Mestre esse que tendo vivido apenas 51 de idade deixou a sólida marca da sua incontestável genialidade. Jacob do Bandolim é uma personalidade numerosa e multiplicada, cuja riqueza conteudística avulta por qualquer que seja ▶

O mestre Jacob do Bandolim

José Mário Da Silva
Especial para o *Correio das Artes*

► o ângulo que a examinemos.

O cidadão Jacob do Bandolim, de acordo com os vários depoimentos das pessoas que conviveram mais de perto com a lenda do choro brasileiro, era um sujeito austero, extremamente rigoroso consigo mesmo, e com tantos quantos contracenaram com o seu apostolado musical. Tal rigor, que roçava e quase se confundia com a ranzinze mais explicitamente assumida era não somente a tradução exata de um artista superior que, em seu ofício cotidiano, perseguia, tenazmente, o estatuto da perfeição, mas também a expressão do extremo respeito que devotava ao seu público, para quem endereçava a sublime arte que cultivou por toda a sua vida com contornos de uma união verdadeiramente religiosa.

Para o mestre Jacob do Bandolim, tanto na oficialidade dos palcos, por onde passou quanto na informalidade dos saraus que abrigava em sua casa em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, a seriedade tinha de ser a mesma por parte de todos os músicos que o acompanhavam. Instrumentos bem cuidados, músicos sóbrios, e absoluto silêncio na plateia, eis os ingredientes que perfaziam as rodas de choro comandadas pelo mestre Jacob do Bandolim, ao lado de expoências musicais do porte de Dino Sete Cordas, Carlinhos Leite, Cesar Faria, Jonas, Deo Rian, Jorginho do Pandeiro, Joel Nascimento, dentre outros integrantes de um código onomástico emblemático de nossa música instrumental.

Perfeccionista radical, Jacob do Bandolim, pela destreza de que era portador, pela incomparável perícia demonstrada no domínio do instrumento em que se consumiu, se consumou e se consagrou, atingiu altura inalcançável. Mais que impecabilidade técnica, Jacob do Bandolim era puro sentimento na execução diferenciada das inúmeras peças que compôs, ao lado de outras que compuseram o seu majestoso e sumamente qualificado repertório.

Isaías do Bandolim, magistral músico brasileiro e admi-

rável bandolinista ainda em atuação nas cenas e cenários da música nacional, creditava a grandiosidade de Jacob do Bandolim a uma espécie de verdadeira capacitação divina, um gracioso dom concedido pela providência. Dizia ele que Jacob do Bandolim não apenas era perfeito em suas execuções, mas, também, encantava ao atingir o âmago da sensibilidade do outro, como se em vez dos seus ágeis e mágicos dedos, o que efetivamente deslizesse, sobre as cordas do seu inigualável bandolim, fosse a sua alma: ora *Dolente*, ora cheia de *Vibrações*, ora contemplativa das *Noites Cariocas*, ora célere como *O Voo da Mosca*, ora plena de *Simplicidade*, ora deleitosa como um *Doce de Coco*, ora simplesmente *Murmurando*, ora, enfim, impregnada da beleza que imanta as *Pérolas* de grande valor humano e estético.

Vê-se, portanto, que além de instrumentista genial, Jacob do Bandolim foi um compositor extraordinário, autor de algumas das mais belas peças da música instrumental brasileira. Embora tenha se dedicado preferencialmente ao choro, compôs peças de outros gêneros musicais, como valsa, samba e até frevo, numa demonstração de que era dotado de grande versatilidade.

Inventivo, Jacob do Bandolim era portador de singular criatividade, sendo capaz de se renovar constantemente no âmbito das suas renomadas criações. Quando o acusaram de ser prisioneiro de um choro quadrado e demasiadamente tradicional em sua estruturação, ainda que tal acusação fosse totalmente destituída de plausibilidade, ele surge com peças como 'Implicante', 'Treme-treme', 'Bole-bole', 'Remelexo', marcadas, todas elas, assim como outras tantas, por um ritmo vivaz, cheio de malemolência e estimuladora dos movimentos corporais.

Jacob do Bandolim também pontificou como um pesquisador emérito da música brasileira, tendo efetuado inúmeras viagens pelas mais diversas geo-

grafias nacionais, tendo como objetivo primacial vivenciar de mais perto as ricas manifestações da alma musical brasileira. Ele foi, também, um grande incentivador de inúmeros músicos que encontraram nele não somente uma inafastável referência, como também um estímulo permanente e um apoio contumaz para prosseguirem em suas difíceis e fascinantes travessias, sobretudo num país pródigo em valorizar tanto lixo, tanta baboseira que, de música, não tem nada, sendo, na verdade, verdadeiras porcarias sustentadas pela cultura de massa, ou melhor, pela massificação cultural, que nivela tudo por baixo, dado que se nutre apenas e tão somente da ética do lucro, de resto, ética nenhuma.

Para se ter uma ideia do quanto o nosso País ainda padece da criminoso deslembração dos seus mais significativos vultos, não se tem na televisão brasileira uma única imagem de Jacob do Bandolim fazendo aquilo que ele mais sabia fazer, aquilo que ele fazia com um nível de artisticidade tão sublime, que era tocar o seu bandolim e enlevar as almas sobre as quais recaía tão mavioso canto.

Todas as fitas cartografadoras do incomum talento do mestre carioca foram desgravadas e utilizadas e gravações de vendas de utensílios domésticos. Nada mais revelador da nossa grande incúria para os valores que realmente nos engrandecem e que são portadores tanto de saber quanto de sabor. Pena que os nossos programas de rádio, em sua esmagadora maioria, não abram espaço em suas programações para a inserção de figuras excepcionais como Jacob do Bandolim, expressão da verdadeira e imorredoura arte musical brasileira. ■

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Mora em Campina Grande (PB).

Cabe (quase) tudo na sacola; SÓ NÃO CABE O DESCASO



O livro *Essa História Está Diferente* (Companhia das Letras, 2010), organizado por Ronaldo Bressane e, pelo título, referência direta à música “Essa moça tá diferente”, reúne contos de escritores brasileiros, somados a um africano, dois argentinos, uma chilena e um mexicano, inspirados em canções de Chico Buarque. Alguns contos já anunciam nos seus títulos as músicas com que mantêm seus diálogos intertextuais, como por exemplo “Olhos nus: olhos”, de Mia Couto; “Um corte de cetim”, de Xico Sá; “Entrelaces”, de Carola Saavedra; “Feijoada completa”, de Luís Fernando Veríssimo, sendo este último o que deu origem ao que discuto neste texto. Num termo bem adequado: *leitmotiv* para a reflexão aqui desenvolvida.

Para contar a sua história em “Feijoada completa”, Luís Fernando Veríssimo se serviu da canção homônima de Chico. Mas não somente desta canção. Observemos que seus protagonistas, não por acaso, se chamam Carolina e Pedro, possivelmente outras alusões a Chico: “Carolina”, aquela da janela, também referenciada por Drummond, Caetano, Gil e Torquato Neto, e pelo próprio Chico Buarque que se autocita e se autocritica na canção “Essa moça tá diferente”, pelos versos “Essa moça é a tal da janela / Que eu me cansei de cantar / E agora está só na dela / Botando só pra quebrar”; e “Pedro Pedreiro”, que representa a resistência pela espera; que “não sabe mas talvez no fundo / Espera alguma coisa mais linda que o mundo / Maior do que o mar”. Veríssimo e Buarque juntos, numa relação intertextual, trazendo, para o centro da narrativa, dilemas de relações amorosas.

Palmira Palhano, atriz e professora de artes no IFPB, em João Pessoa, dirigiu a adaptação desse conto para o teatro junto ao grupo “Cabe na Sacola”, por ela coordenado, e com a minha colaboração na dramaturgia. Sob o título de “O Teatro na Educação Formal”, Palmira desenvol-

ve um projeto de extensão no IFPB em que interdisciplinariza conteúdos de teatro e de literatura. Assim, o conto de Veríssimo se transformou em dramaturgia, com a inserção de músicas de Chico na cena. No palco, alunos do IFPB atuam, cantam e tocam. Revestem-se do que se apresenta, tanto no conto de Veríssimo quanto nas canções de Chico. A música condutora é a própria “Feijoada completa”, mote para Veríssimo, e para nós leitores. O resultado é muito bonito. E o processo de construção é riquíssimo, pois não começa nem termina no texto encenado, cuja escolha se dá somente após diversas leituras que vão de Eurípedes ao próprio Chico Buarque e Paulo Pontes; de Bertold Brecht a Jorge de Andrade. Tudo discutido e decidido coletivamente.

Durante o ano de 2019, e com dois encontros semanais, Palmira coordenou esse trabalho de montagem do espetáculo, ao qual foi dado, também, o título de “Feijoada Completa”. Colaborei na criação da dramaturgia, nas sugestões de cenas, inserindo músicas do próprio Chico ao espetáculo, nos ensaios. O resultado ficou lindo! Assim como é lindo ver o envolvimento dos alunos com esse material literário e musical de imensa importância para a história da arte e da cultura brasileiras, transmutado para o teatro. É lindo ouvir uma aluna dizendo que não pode mais ver o nome Carolina sem lembrar da canção de Chico. É lindo ver as alunas trazerem reflexões sobre a violência contra a mulher para dentro da dramaturgia, numa espécie de coautoria do texto de Veríssimo. É lindo nos vermos crescendo nesse processo. Crescendo como pessoas, no que temos de mais valioso: o amor e a amizade.

Mas nada disso tem importância alguma. Nem Chico, nem Veríssimo, nem Palmira, nem nossos alunos, nem essas obras que lemos/ouvimos/estudamos. O descaso é geral e é estrutural. E, lamentavelmente, é isso que tem



*Feijoada completa:
Chico (ao lado),
Veríssimo (abaixo)
e Palmira (abaixo,
à esq.) juntos em
projeto realizado no
IFPB*



► definido os caminhos das artes no nosso país. Precisamos resistir? Certamente. Conseguimos? Como? Onde? Acreditávamos que poderia ser na escola, esse lugar que julgamos “privilegiado” para o exercício da reflexão, do “ato revolucionário” do aprender, conforme define Paulo Freire. Mas não é. De revolucionária a escola tem se tornando, nos últimos anos, o lugar da apatia, da inércia, da obediência às regras etc etc etc. Lembremos que em algumas cidades do país foi aprovada a mais absurda das leis na área da educação: a da escola sem partido.

Todo esse ideário contribui para a desimportância dada às

artes e à cultura, tanto local quanto nacionalmente, como sintomatologia de um mal que nos acomete há séculos e que podemos denominar de “cultura do descaso”. A Paraíba, por exemplo, tem tradição nessa cultura. Não conheço um artista que nunca tenha reclamado da desimportância com que é tratado, seja pela falta de apoio financeiro para a realização de seus projetos, seja pela sociedade de um modo geral, que não se digna a conhecer a arte produzida pelos seus filhos e, portanto, não a aprecia. Desde Augusto dos Anjos (e certamente antes dele, mas o trago aqui como exemplo icônico nesse tema) é notório o descaso da Paraíba aos

seus filhos artistas. E por ser tradição e por ser estrutural, o descaso vai se embrenhando, “naturalmente”, pelas casas, praças, ruas e escolas. Sim, escolas, esse lugar que deveria ser, além da disseminação do conhecimento, o da criação e da reflexão e, consequentemente, do rompimento das tradições perniciosas. Infelizmente, não tem sido assim. Pelo contrário, é na escola que se tem cristalizado ideias tão equivocados, tanto por parte de alguns professores e alunos, mas, sobretudo, por parte de suas gestões. Dentre essas ideias, destaca-se o descaso às artes.

A forma como instituições de ensino, de um modo geral, tra-

► tam as produções artísticas de seus alunos e professores tem se apresentado como exemplo desse descaso às artes no ambiente escolar. Um descaso que tem se naturalizado de forma muito efetiva, pois, bem comparando, assim como o racismo é estrutural, tendo em vista a sua naturalização como algo normal, corriqueiro, banal, o descaso às artes tem se tornado também estrutural pelas mesmas razões. Arte na escola, geralmente, faz-se com sobras, sem espaço físico adequado, sem os materiais adequados.

No IFPB, por exemplo, as discrepâncias entre áreas de conhecimentos são gritantes: enquanto a escola sempre oferece à comunidade laboratórios de ponta para seus cursos das engenharias, nunca dispõe de espaços físicos apropriados para as aulas do curso de música, para a montagem e ensaio do grupo de teatro, para aulas de dança ou de artes visuais. A própria localização dos ambientes destinados às aulas de artes diz muito da forma como as artes são vistas pela direção. Aliás, nem vistas são.

Considero essa invisibilidade um sintoma da patologia a que podemos dar o nome de “descaso estrutural”, que vai se consolidando por essa ideia que se dissemina dentre os que formam a comunidade escolar, e vai se naturalizando, tornando-se tradição dentro dos muros da escola.

Como tradição cultural, o descaso circula nas veias dos gestores da escola, expressando-se, como descaso estrutural, no discurso deles. E estamos falando da parcela “esclarecida” de nossa sociedade. Imagina a outra parcela?

Assim atravessamos o ano juntos (eu, Palmira e os alunos-atores-músicos), trabalhando em situação precária, o que nos levou a uma compreensão muito mais ampla de uma palavra: “resistência”. Foi resistindo que fizemos do nosso projeto, para além dos conhecimentos que adquirimos, o lugar de sermos felizes. E assim, felizes da vida, apesar do descaso, chegou o dia de nos apresentarmos. Uma maravilha: o nervosismo, friozinho na barba, a presença de familiares e amigos. Tudo isso temperando aquele sabor de trabalho concluído em que se exhibe o resultado de

um ano inteiro. Ápice da nossa alegria!

Mas para que o descaso se configurasse, finalmente, como ele é (tradicional e estrutural), ficamos sabendo no momento da apresentação, já na porta do auditório onde iríamos nos apresentar, que o espaço estava reservado para palestras que iriam acontecer. Afinal, palestras são mais importantes do que o teatro.

Tive vergonha de ser de uma escola que não se sensibiliza com aqueles olhinhos frustrados dos nossos alunos. Tive vergonha da total falta de empatia daqueles que cancelaram nossa apresentação dessa forma tão fria e tão insensível. Tenho vergonha de ser de uma escola que não valoriza sua produção artística e cultural, como valoriza os seus cursos de engenharia e afins, inclusive por meio de intercâmbios científicos. Tenho vergonha quando prestigio os recitais de final de curso de nossos alunos de música e não vejo ninguém da direção. E imagino que Luís Fernando Veríssimo e Chico Buarque compartilhariam dessa mesma vergonha minha, uma vergonha que se amplia na persistência da lembrança de uma fala que nos chegou da gestão como pedido de desculpas e justificando o ocorrido: “eu não sabia que era tão importante”.

Essa declaração tem um peso enorme por constituir o que melhor exemplifica o descaso de que estamos tratando, afinal se somos invisíveis, o natural é que sejamos tratados como invisíveis, o que reitera, na coerência entre o descaso vivido durante o ano inteiro (e todos os outros anos anteriores) e a fala da gestão, a total e absoluta falta de importância com que somos tratados.

É sob essas condições que fazemos arte na escola. Condições que nos são impostas e que estamos nomeando aqui de estruturais: condições do descaso estrutural às artes e à cultura, do racismo estrutural, do machismo

estrutural, da homofobia estrutural, da misoginia estrutural e do classismo estrutural. Tudo devidamente naturalizado em nossa sociedade, o que justifica, em muita medida, a eleição de um presidente da república que levanta como bandeira de campanha e de governo todo esse mal estrutural, arrebanhando a maioria dos eleitores que só o são porque também já estão impregnados desse mal. Não nos esqueçamos que uma das primeiras medidas deste governo foi eliminar o Ministério da Cultura. O que é um país que elimina o órgão institucional de fomento às suas artes e à sua cultura?

E para arrematar esse descaso, lembro do discurso de posse da nova secretária nacional de cultura, cujas considerações sobre a cultura do nosso país são, no mínimo, risíveis: na tentativa de colocar em lugar de importância manifestações artísticas e culturais que vão do forró ao “pum” do palhaço, sua atitude, disfarçadamente gentil, mas no fundo desrespeitosa e grosseira, só serviu para reforçar o descaso e o total desconhecimento e despreparo para o cargo.

Mas seguimos resistindo porque é assim que tem de ser. E enquanto cheiramos o talco do palhaço, legítimo na sua ideia de nos descontraírem, seguimos ouvindo Chico, lendo Veríssimo e resistindo. Seguimos produzindo o que mais gostamos de produzir: arte e reflexão sobre nosso entorno, pois tudo isso cabe em nossa sacola; só não cabe mais o descaso estrutural. Este nós devolvemos à sociedade em forma de reflexão, por meio de nossa palavra, de nosso canto, enfim, de nossa expressão. ✖

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

pedagogia do medo

Jennifer Trajano

Especial para o *Correio das Artes*

tenho a impressão de que a morte nos olha atentamente, quando entramos em contato profundo com a natureza: homens que morrem erguendo a cabeça, ao não suportar o peso das constelações; mulheres perdidas na imensidão de uma trilha que não sai; crianças sequestradas pelas correntezas.

naquele dia, mainha me disse que eu não saísse de casa, mas teimei feito menina buchuda que só escuta a própria fome. daí eu mais os dois meninos fomos pro mangue pegar jabuticaba. lembrei antes da minha professora contando histórias sobre maria florzinha, a respeito de como ela era má com seu chicote de luxúria e seus olhos de coelho demoníaco. na época em que fomos, nem flor pequena havia pelos matos (ou talvez não tivesse olhado bem).

passei muito tempo tendo medo da cumade fulozinha, sem dormir direito, achando que ela viria me pegar. arrisquei, de formas variadas, falar seu nome em frente ao espelho três vezes seguidas, mas só a vi dentro de mim. passado o tempo, já não sentia mais medo dela, porém ainda quase acreditava em sua existência.

os primeiros dias foram mais complicados, no entanto, depois eu já não tinha essa flor na cabeça. nasceu ali e ficou murcha. não sai mais. ocupei a terra com outras coisas. foi um alívio quando a amiga de vovó, baratinha de igreja, disse que ela e o pai do mangue eram espíritos bons



que estavam ali pra preservar a natureza, só maltratando quem desmatasse. eram, por certo, parentes de curupira.

painho me falou uma vez sobre o pai do mangue, um senhor que me parece com aqueles velhos donos de fazenda de cara fechada, que expulsam os outros soltando os bichos pra cima da gente. painho me contou que o pai do mangue era enorme, tamanho de uma árvore, então, quando visi-

tei o mangue que ficava por trás da escola onde estudei, olhava as árvores pra ver se seu formato me apresentava a ele. pensava comigo qual o tamanho exato seria e quais galhos rasgando os céus representariam melhor as rugas de sua face, mas na verdade nunca soube, ela nunca me encarou concretamente. poderia ela estar afundada na lama? seria o velho camuflado?

mais tarde ouvi falar da loira do banheiro e as meninas das outras turmas faziam o possível para pôr medo na gente, que éramos menores. chegavam a dizer, inclusive, que essa mulher era amante do velho do saco. mas a galega nunca pensei que aclararia meus olhos. meu tio, porém, disse vê-la no banheiro da casa de vovó, quando acordou bêbado para vomitar.

lembro também ter mania de comer terra quando ia à praia e não entrava no mar porque sabia de uma mulher que morava ali, iemanjá. mas o menino mais velho me disse na beira que a gente poderia sim entrar porque o murmúrio do movimento das vagas era uma espécie de chamamento, que a rainha do mar era boa e deixava salgar o corpo.

no rio do mangue não havia isso, todavia existia redemoinho por ali, carregando uns ossos de bichos que ficam de museu na lama. já passei pelo sanhaú de canoa durante o pôr do sol. desde ontem é proibido. agora a morte, no olho morto ao fundo do cano da bala, também nos olha atentamente quando os marginais da gangue vizinha descem a terceira margem do rio. hoje é domingo, cedo avistei o menino mais novo. tentei ver de perto as estrelas, mas havia muita nuvem e apenas umas gatas pingadas. acabou que não realizei as lendas. segui com jacumã e lá estava a ilha. o brilho azul não pesou em minha cabeça. ✖

Jennifer Trajano é autora do livro de poemas 'Latíbulos' (Editora Escaleras, 2019), professora de língua portuguesa e revisora textual.

Síndrome de Pestana: fazer arte ou sobreviver?

Sara Carvalho

Especial para o *Correio das Artes*

Pestana é um dos personagens mais célebres de Machado de Assis. Pestana é um compositor de polcas cujo sonho é tornar-se um músico erudito, a exemplo de Beethoven, Mozart, Bach, etc. Enquanto tenta compor uma peça clássica, Pestana torna-se famoso na cidade do Rio de Janeiro por suas polcas. Mais do que isso: Pestana depende das polcas para sobreviver, especialmente depois da morte de sua esposa.

É fato que, em 1896, quando *Um Homem Célebre* foi publicado, ainda não existia o conceito de “indústria cultural”, cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento* (1947). Entretanto, meio século antes dos frankfurtianos, Machado de Assis já trazia à discussão a prática de uma arte feita para consumo rápido, como as polcas do Pestana. Logo, embora não houvesse o conceito, já havia o gérmen do que viria a ser a indústria cultural. Já havia a pressão social e comercial para fazer “o que vende”, enquanto os sonhos do artista morrem à míngua.

A discussão que gostaria de levantar aqui não é sobre a natureza da arte (erudita x popular) e, sim, sobre como o artista se sente em relação à arte que produz: ele se sente feliz e realizado ou, a exemplo de Pestana, gostaria de se dedicar a outros estilos artísticos ou mesmo ter um ritmo menos opressor de criação artística?

Na narrativa machadiana, vemos que Pestana produz uma polca por semana, enquanto sua peça clássica não avança com a mesma celeridade. E é

compreensível que seja assim, pois o ritmo da arte não é igual ao ritmo de produção fabril, embora nossos egos ansiosos e arrogantes assim o quisessem. Que artista nunca teve — por um lampejo que fosse — a ambição de produzir uma arte por dia? É possível? Sim e não. Quando comecei a desenhar, eu fazia um desenho por dia. Até o dia em que eu percebi que, quanto mais tempo eu demorava em um desenho, melhor ele ficava. Então, tive o seguinte *insight*: qualidade demanda tempo e dedicação. Portanto, querer acelerar a criação artística só atrapalha o processo, como afirma Amit Goswami em seu livro *Criatividade para o Século 21*. Mesmo assim, está cada vez mais desafiador não incorporar o ritmo de produção fabril nas artes, sobretudo com o advento das redes sociais e a proliferação de artistas de toda ordem.

Ante o exposto, podemos dizer que Pestana representa o artista dividido entre o que gostaria de produzir enquanto arte e o que é impelido a produzir pelas necessidades e circunstâncias. E Pestana representa de tal modo este arquétipo que, hoje, mais de um século depois de sua criação, ainda nos vemos diante da mesma dúvida: “Fazer arte ou sobreviver da arte?”. Eis a Síndrome de Pestana.

Reconheço, todavia, que faço esta pergunta de um lugar privilegiado, pois nunca dependi da arte para garantir a minha subsistência. Eu não preciso escrever 20 páginas por semana; dois livros por ano. Eu faço arte. Eu posso degustar cada palavra, cada linha. Eu posso ouvir cada frase e apreciar sua musicalidade. Uma pergunta: eu teria condições de fazer isso, se eu escrevesse 20 páginas por semana? Duvido muitíssimo. E outra: eu estaria disposta a abrir mão do que eu mais amo na arte, que é o ato mesmo de criar, para produzir uma literatura de consumo ▶



Personagem criado por Machado de Assis em 'Um Homem Célebre', Pestana representa o artista dividido entre o que gostaria de produzir enquanto arte e o que é impelido a produzir pelas necessidades e circunstâncias

rápido? Duvido. É um preço muito alto por 15 minutos de fama. No entanto, como disse, falo de um lugar privilegiado: uma artista que nunca dependeu de sua arte para sobreviver.

Para um artista como eu, certamente é fácil dizer: "Faça a arte que mais lhe agrada e esqueça o resto!". Afinal, quem já tem o mínimo garantido pode se dar o luxo de produzir o tipo de arte que lhe for mais aprazível, sem qualquer culpa ou pressão para entregar uma polca por semana. Esta, porém, não é a realidade de muitos artistas. Para um artista que sobrevive da própria arte, ou seja, que depende da venda de suas produções artísticas para suprir suas necessidades mais básicas, é deveras difícil recusar qualquer trabalho que lhe renda alguns trocados.

Ainda assim, insisto: é possível para um artista viver apenas produzindo "o que vende"? Quantos anos de segura interna nossa alma aguenta? É evidente que cada artista sabe de si. Eu, por exemplo, creio que não conseguiria escrever ou desenhar só "o que vende", o que tem mais curtidas e comentários, se isso não ressoasse com o que viceja dentro de mim. Eu confesso: eu sou artista no bom e no mau sentido. Entretanto, isto aponta para uma outra questão: "Será que sobrevivemos neste mundo, produzindo única e exclusivamente o que nos alimenta a alma?". É possível, mas não é fácil, haja vista que tanto o corpo quanto a alma cobram um preço alto quando são negligenciados. O caminho, penso, é buscar uma coerência interna em tudo que fazemos, para nutrirmos ambos por igual.

Admito, porém, que não é fácil resistir à indústria cultural. Não obstante, enquanto me for possível e aprazível, continuarei fazendo arte, mesmo que os sinos dobrem apenas por mim. ❖

A escritora e desenhista **Sara Carvalho** nasceu em 1987, na cidade de João Pessoa (PB), e é graduada em Letras - Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Começou a escrever aos 12 anos de idade e, atualmente, tem três textos publicados (em obra impressa), um chamado "Amor Pessoaense", publicado numa obra coletiva de nome *Sonho de Feliz Cidade*, resultado de um concurso em comemoração aos 422 anos da capital da Paraíba, em 2007; e os outros dois textos foram publicados no *Correio das Artes*, um em julho de 2013 ("*Lucidez Otelianda*") e, o outro, em fevereiro de 2019 ("*Mutação*"). Além disso, tem um poema publicado na antologia referente ao 3º Prêmio Literário de Poesia Portal Amigos do Livro (2013) chamada "*Mente Dormente Mente*".

Saudades dos seus passos perdidos

Carlos Alberto Azevedo

Especial para o *Correio das Artes*

Para Nycole Maia e Thabita Diniz

A cartografia lírica do Baixo Tambaú não suportou tantos acidentes geográficos – os rios transbordaram, deixando saudades das águas passadas, águas vivas, vivas águas vivas, cheias de recordações:

- Você atravessando a Nego de ponta a ponta, de mãos dadas comigo. Unidos pelos laços sutis do amor: uma risonha conspiração do universo para unir seres serenos sedentos de amor.

- Você e eu no Bricktop's cCfé ao entardecer, de mãos dadas, enlouquecidos por chás da China, ouvindo canções do musical *All You Need Is Love* do quarteto de Liverpool. Depois, discutimos um romance de Jane Austen. Seus olhos não suportaram tantas emoções, tanta ternura, tanto êxtase. Você chorou, choramos. Antecipamos no Bricktop's momentos mágicos que, certamente, viriam muito depois: nós dois, só nós dois e o mar lá longe, visto do vigésimo andar do seu apartamento. Você descalça, sensualmente descalça, me abraçando. E o mar, nosso Atlântico por testemunha, tão distante e tão próximo dos nossos corações. Ah, você, o mar e eu eternizando aquele momento azul.

- Na Igreja de Santo Antônio de Lisboa, as aleluias mofadas se misturando com a maresia de Tambaú. Lá ia você conversar com o seu Deus (sempre aos domingos), pedir por mim, pelo seu pai e sua mãe – por todos nós, pecadores e mortais indefesos. O seu Deus é aquele da Capela Sistina. Grandioso, onipresente e misterioso: “A coisa mais bela que podemos experimentar é o misterioso”, disse Einstein.

- Um dia você me disse assim: “Depois que escrevo vou caminhar pelo Baixo Tambaú. Procuo por você nas esquinas, nas ruelas, nas veredas, mas nunca te encontro em lugar nenhum. Na volta, então, vejo sempre você na janela do seu apartamento. Àquela “janela indiscreta” de Hitchcock. Sabe, meu doce Humberto, dia desses você vai descobrir um crime no edifício Nápoles...”. Pensei: imaginação de advogada criminalista.

- Você, Ilo, naque-

la tarde do Dia dos Namorados (no último outono), mostrou-me uma belíssima tatuagem: um girassol escondido na intimidade do seu corpo. O amarelo forte de Van Gogh gritou tão alto... Não sei porque nesse mesmo dia, falamos muito de Mrs. Dalloway de Virgínia Woolf. Ah, Virgínia, Jane, Ana C., Rupi, Margaret e eu na solidão sensual do seu apartamento... Lemos juntos *O conto da Aia*, de Margaret Atwood. Não se esquecer também de *O Que o Sol Faz Com as Flores*, de Rupi Kaur. Tanta cumplicidade !!!... Ah, Ilo, “você levou o sol quando se foi” (Rupi). Cadê você, hein?

- Sinto tanto a sua falta: cadê você comprando mangas rosas na quitanda? Cadê você entrando na papelaria da nossa rua? Cadê você esperando a van que vem de São Bento? Cadê você indo e vindo do estúdio? Cadê você comprando Cremosinho à tarde? Cadê você e suas amigas ruidosas na piscina do prédio? Ilona, seus passos perdidos andam na minha memória. Ouviu?

- Estou triste, tristemente só, sozinho. Diria Freddie Mercury: “O show tem que continuar”. Você, Ilona, partiu para outro bairro da cidade. Então? ... Hoje, Ilo, é madrugada, ainda escura, mas há uma luinha iluminando o céu metafísico de Kant. Vejo da minha “janela indiscreta” a lua nova. Faço três pedidos a ela: amor, muito amor, sucesso literário e saúde para mim e para você. Bliss. Bliss. Bliss. ♥

Carlos Alberto Azevedo é antropólogo e escritor. Morou vários anos em Recife. Conviveu com Gilberto Freyre, Mauro Mota, Alberto Cunha Melo e Amaro Quintas. Em 1974, deixou o país e exilou-se voluntariamente em Berlim. Foi docente de Literatura Brasileira na Universidade Livre de Berlim. Em 1985, publicou *Triade: Fragmentos e Histórias*, com apresentação de Jorge Amado e prefácio de Lygia Fagundes Teles. Seu primeiro romance é *Os Herdeiros do Medo* (1994), editado em Lisboa, Portugal. No ano seguinte, publicou uma novela picaresca: *Meu nome é Ninguém* (Lisboa). Retornou ao Brasil em 2000 e fixou residência em sua cidade natal, João Pessoa. Desde 2000, é antropólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba.

Lívio Oliveira

TRÊS POSIÇÕES POÉTICAS

Sobre

Arde ainda o tempo
em que não te vejo
guardando dor e incenso
das horas em que me lancei
sobre os teus peitos duros
e língua acesa em saís.

Todo o ar que engulo
de tua boca ausente
mistura venenos
ao sangue impuro
que se expande
em tecidos e cortinas
e nas tuas coxas
sob o oculto da noite e suores.

Teimo em aguardar
mais dias de sonho
de sonos vis
no travesseiro
das tuas costas
tatuadas de centauros.

Detrás

Não havia plano
a cumprir
somente o largo
e a redoma.

A ponta do dardo avista
a meta proibida
a igreja aberta
em dia cheio
da semana.

O inevitável guardado
e a foz
recebem as águas
intrusas
nas águas
revoltas
e logo em paz.

Centro

Ergui tua perna
esquerda
e os desenhos de rosas
reentrantes
se estamparam
arremessados
aos meus olhos.

Tua testa apontava
ao astro erguido no azul
que passeava ligeiro
por meu alvo
e este era um só
dentro [eu sabia].

Munido de aríete
fiz a viagem
ao centro
do mundo
tanto
e olhei a luz
que vinha
e acesa explodia.

ILUSTRAÇÃO: VITOR ELOI



Lívio Oliveira é escritor e poeta, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras (Cadeira nº 15). É autor dos livros 'O Colecionador de Horas' (2002), 'Telha Crua' (2004), 'Dança em Seda Nua' e 'Resma' (2014), entre outros.

Viagem a Orã

(OU GRÃ-FINOS EM TEMPOS DE PESTE)

Francisco Gil Messias
Especial para o *Correio das Artes*

Os dois eram vizinhos de prédio, um vistoso edifício num dos melhores bairros da cidade. Não eram propriamente amigos, mas frequentavam as mesmas rodas sociais, aquelas que iam aos mesmos restaurantes, às mesmas festas e apareciam em fotos nas mesmas colunas de amenidades. Até então, davam-se bem, superficialmente bem, como costumam se dar aqueles e aquelas que convivem diplomaticamente apenas na su- ➤

» perfície das aparências e dos interesses, sem nenhuma profundidade verdadeiramente humana. Amigos incertos apenas das horas boas, dir-se-ia, jamais das horas de necessidade, de vacas magras, quando a porca torce o rabo, como se diz.

Dos dois, um era mais dado a viagens do que o outro. Mas não era um viajante, no verdadeiro sentido da palavra, desses que viajam para se ilustrar cultural e existencialmente; era apenas um turista, um simples turista, dos muitos que colecionam países e cidades apenas para ter o que contar em reuniões de queijos e vinhos ou o que postar nas redes sociais ególatras. De qualquer modo, encontraram-se, mais de uma vez, os dois vizinhos, na casa de um, do outro ou de terceiros, para comentar festivamente essas viagens amiudadas, sempre, é claro, em torno de uma mesa bem servida.

Nessas ocasiões, como era de se esperar, o fingimento reinava. Era um tal de querido pra cá e de queridinha pra lá, que só enganava mesmo os que queriam se enganar. Mas o fato é que todos sabiam que era assim em sociedade, que fazer? Enquanto estivesse tudo bem, não haveria motivo para estragar aquele teatro em que cada qual desempenhava o seu papel, colocando no rosto, em cada cena, a máscara adequada. Não era esse, afinal, o preço da sociabilidade frívola que faziam questão de cultivar? Sim. Pelo menos, até que.

Até que a peste chegasse sob a forma de um vírus descontrolado e não raro letal. Um vírus de nome Covid-19, inicialmente oriundo do estrangeiro, mas já em fase de contaminação interna no país, ou seja, com capacidade máxima de disseminação coletiva e potencial para matar rapidamente milhares e milhares de pessoas de todas as idades e condições. E por causa disso, o pânico tomou conta da cidade, do bairro, da rua e do prédio elegante onde moravam os dois “amigos” entre aspas. Não importavam as recomendações do governo, o medo generalizou-se e impôs a antiga

lei do “cada um por si e Deus por todos”. A lei da selva.

O vizinho que viajava pareceu não valorizar as alarmantes notícias que chegavam do mundo inteiro. Insistiu, sem nenhuma necessidade real, em passar dez dias em Orã, na Argélia, cidade que ainda não conhecia, nem valia muito a pena, mas que fazia falta no seu currículo de vaidoso “globetrotter”. E agora voltava, como se estivesse tudo normal, como se não houvesse o vírus no ar, como se ele próprio não pudesse já estar contaminado, quem sabe? Irresponsavelmente, continuou, sem nenhum resguardo, a circular pelo prédio, a usar o elevador, a apertar mãos incautas, a convidar vizinhos para queijos e vinhos, até que os demais condôminos tomassem consciência do risco que ele representava para todos, indistintamente. Aí a coisa mudou.

Aí o leviano turista foi coletivamente estigmatizado. Passou a ser o leproso bíblico de que todos se afastavam, o portador da peste ignóbil, o disseminador da morte, um ser abominável. O outro vizinho, o que não viajou, era um dos mais indignados, e não sem razão, pois vivia com ele a mãe idosa, octogenária, provável vítima fatal da calamidade difusa.

Como pode?, perguntava-se o vizinho ameaçado. Como pode alguém ser tão irresponsável, a ponto de espalhar a peste no próprio ambiente em que mora? Quem já viu alguém ir passear na Argélia, e ainda por cima desnecessariamente? Merecia morrer, o miserável egoísta. Se encontrá-lo por aí, nem sei do que sou capaz, dizia para si mesmo e para a mulher. E mais: O síndico é um panaca; limitou-se a conversar ligeiramente com o canalha sobre a questão e assim mesmo por telefone, com medo de se contaminar, o calhorda. Vou cuidar de levar a família para o sítio, lá pelo menos teremos um isola-

mento maior, longe de cretinos dessa laia.

E assim o prédio elegante foi se esvaziando. Ninguém mais via ninguém circulando. Até mesmo o desgraçado que voltou de viagem desapareceu. O flagelo tomara conta do mundo. Quem sobrevivesse que contasse depois a história.

Um dia, quando tudo se normalizasse – e esse dia haveria de chegar – a vida poderia, hipoteticamente poderia, não ser a mesma de antes. Nunca mais queijos e vinhos entre vizinhos que não se conheciam de verdade e até se desprezavam mutuamente; nunca mais, talvez, a antiga frivolidade compartilhada com estranhos, gente com quem não se podia contar na hora do aperto. Tudo isso o vizinho sedentário ruminava, ele que nunca fora dado a reflexões mais profundas, eis um efeito da aflição inesperada.

Para ele, vejam só, quem escapasse àquela desgraça, talvez renascesse melhor. E então todo o sacrifício não teria sido em vão. Era o que ele sinceramente esperava. Era essa a lição da dor.

Mas ele, vivido, sabia também que a dor passa. E as pessoas esquecem. E quase sempre voltam a ser o que eram antes do sofrimento, sem nenhum aprendizado no coração, na alma, na carne. A vida geralmente volta a ser a mesma, com os mesmos erros, a mesma futilidade. Até que.

Até que chegasse uma nova peste. E tudo se repetisse novamente, num círculo sem fim.

Abatido, e antes de fechar a porta do apartamento rumo ao sítio salvador, ele concluiu para si mesmo: A vida é isto. Que se há de fazer? Vamos em frente. ❧

Francisco Gil Messias, paraibano de João Pessoa, onde reside, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Direito do Estado, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro da Academia Paraibana de Filosofia e do Instituto de Estudos Kelsenianos. Publicou os livros *Olhares – poemas bissextos* e *A medida do possível* (e outros poemas da Aldeia). Contato: gmessias@reitoria.ufpb.br.

Segundo

(PRIMEIRO)

encontro

Renata Escarião

Especial para o *Correio das Artes*

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO



A cena reaparece em *looping* em meus olhos desprevenidos. A música ensurdecedora, o amarrar do laço nas costas, o giro das mãos na cintura me levando até sua boca. Peripécia de gente grande que se arrisca em segredo. Viajei incontáveis vezes para o momento de três dias atrás enquanto aguardava a hora de te encontrar de novo, lembrando a boca encostando na sua tão naturalmente que ninguém diria que era a primeira.

Feito menina a beira do primeiro encontro, reavaliei todos os prós e contras, todos os perigos e prazeres, enquanto imaginava a roupa que usaria e sentia o estômago congelar. Desisti mil vezes. Me convenci outras mil que antes o arrependimento que a dúvida. Passei a tarde conferindo no relógio a hora de largar o trabalho, fui com pressa pra casa, fiquei pronta antes da hora. Me aconselharam a te deixar esperando um pouco, estratégia de conquista, mas cheguei antes da hora no bar vazio e tive que me esconder na farmácia da esquina pra fazer hora.

Ri sozinha quando me vi entre as prateleiras de cosméticos fingindo ver o preço de um protetor solar. O que danado eu estava fazendo? No auge da sinceri-

dade, disse a atendente que me abordou que só estava fazendo hora mesmo, depois iria voltar lá como se nada tivesse acontecido, fingindo que estava tão desinteressada que me atrasei. Mas, não fiz. Atencioso, você avisou por mensagem que se atrasaria 10 minutos e quebrou minhas proteções. Me despedi da atendente, atravessei a rua e sentei na mesa do canto pra te esperar.

Cinco minutos depois, você chega pedindo desculpas pelo atraso e eu respondo que tinha acabado de chegar, analisando se você tinha se arrumado. Eu tinha. Vestido vermelho, salto mediano, maquiagem sem exagero, mas suficiente pra valorizar os olhos. Você devia gostar dos olhos já que olhava tão fixamente pra eles. Depois de algumas cervejas, comentou sobre o cabelo, percebeu que estava preso revelando o pescoço, do jeito de há três dias, quando prendê-lo assim, com as mãos, por conta do calor, fez tudo acontecer. Foi, preendi assim pra você. Eu disse.

E daí em diante dissemos tudo, e pelos dizeres eu desisti mil vezes de novo, porque eu tinha tanto medo do amanhã, do risco, e eu fui embora, disse que era um engano, levantei da cadeira, sai errante pela rua em clipe dramático. Imaginei, mas não consegui sair do lugar. Porque quando suas mãos tocaram as minhas costas (aqueles dedos), quando sua boca encostou na minha de novo, eu não consegui. Não consegui o medo, não consegui a fuga, não consegui o engano. Eu fiquei. E você ficou no meu corpo, nos meus olhos irredutivelmente, no nosso beijo, nos braços, nos gemidos que não pareciam de primeira vez. Ficou no meu sono, no meu “boa noite” e no meu “bom dia”, ficou no meu café. E eu fiquei na vida onde o risco é melhor que a fuga. ■

Renata Escarião Parente nasceu em Patos e vive em João Pessoa há 16 anos. É jornalista, professora, escritora e doutoranda em Letras. Lançou o romance *Sandálias Vermelhas* em 2017, vencedor do prêmio literário José Américo de Almeida, organizado pela Fundação Espaço Cultural (Funesc).

Sérgio de C



Sobre a cirurgia de catarata

à Doutora Débora Pires

O ato cirúrgico
transcorreu
assim:

a doutora encontrou
e devolveu

os perdidos óculos de Miguilim.

Tenho dito

o refrigerador antigo
tropeça, tosse, engasga,
é só ruídos:
não tem mais palavras,
é só tenho dito,
tenho dito, tenho dito.

igual a mim comigo.

Comunhão

livros
crepitam
no forno
das estantes

livros
são pães
eucarísticos
crocantes

Castro Pinto



Todo ouvidos

O eu lírico
sofre
de delírios

esquizofrenoides:

Ponge ouve coisas;
Bilac ouve estrelas;
Gullar, muitas vozes.

A permanência do fotógrafo

À memória do amigo e poeta Eurico Vieira Carneiro

por mais que jaza
sob sete palmos
o insepulto olho
do fotógrafo morto
ainda me espia:

abre-se (zoom!) em forma de fotografia



Sérgio de Castro Pinto nasceu em João Pessoa (1947), onde reside. É poeta, jornalista e professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É, ainda, formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFPB. Além de *'Longe, Daqui, Aqui Mesmo: A Poética de Mário Quintana'* e *'A Casa e Seus Arredores'* (ensaios), publicou vários livros de poesia, entre eles *'Gestos Lúcidos'* (1967), *'A ilha na Ostra'* (1970), *'Domicílio em Trânsito e Outros Poemas'* (1983), *'O Cerco da Memória'* (1993) e *Zêo Imaginário* (2005).



MOSTRUÁRIO
MUNDO

A poesia de

Letícia Palmeira

Letícia Pereira nasceu em São Paulo, em fevereiro de 1976. Mudou-se para João Pessoa em meados dos anos 1980, cidade em que reside atualmente, e passou a escrever livros e diários de forma incessante. Além de publicar livros nos gêneros conto, crônica, novela e romance, a autora organizou e participou de diversas coletâneas e antologias.

Em 2019, com a publicação do livro *Mostruário Persa*, invadiu, à sua maneira, o vasto universo da poesia.

Escrever é o princípio, diz autora, sempre que é questionada sobre literatura em entrevistas.

Mostruário Persa é delicado e encantador artefato desde o projeto gráfico. Daqueles livros pequenos, mas não tão pequenos a ponto de se colocar no bolso. Nem do tamanho normal, a ponto de não caber confortavelmente na mão.

É de um vermelho pitanga na capa e possui um orifício de fechadura naquele ponto exato em que a fechadura se instalaria se a capa fosse uma porta. No orifício, vê-se desenhado, a bico de pena, apenas o contorno de quatro objetos, cada um de uma cor, e circun-

dando o olho mágico da fechadura, quatro arabescos que dançam destacando os nomes da autora e do livro. No centro de tudo, e embaixo, a vela, o ícone da editora Penalux, foi parar dentro de um candeeiro. Perfeito! A imagem da capa é da Luyse Costa. Luyse é uma das grandes capistas do mercado editorial hoje.

Depois de vista e lida a capa, a apresentação, assinada pela própria poeta, encerra-se com um convite: “Entre e encontre seu artefato”.

O leitor entra, desliza e deslinda-se em beleza. Encontra seu artefato logo de cara, e logo o perde porque encontra outro mais belo. E o perde também porque há outro, sucessivamente, mais belo. E, como numa espiral ascendente, perde, acha, etc. e etc., espiral afora.

No entanto, o leitor não somente está dentro de uma espiral, mas também dentro de um caleidoscópio que se move. Move-se e reflete. Reflete e refrata as partes. As partes e o todo, tal como a poesia procede, age, atua. FAZ. A “poiésis” da poesia.

Tudo se move, reflete, refrata, dentro de um caleidoscópio, dentro de uma espiral... Transcinematográfico. Holocinematográfico.

Assim, *Mostruário Persa* dá-se



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Publicado em 2019, *'Mostruário Persa'* trouxe Letícia Palmeira, ao seu modo, para o universo da poesia

Paulista, Letícia
Palmeira está
radicada em João
Pessoa desde os
anos 1980



- › como um livro de poesia sobre a linguagem da poesia.

Mas também pode ser o contrário disso, nada disso, se estamos acostumados com poesia em verso, com poesia em imagem, com poesia visual, com poesia verbo-voco-visual, com poema em prosa, com proesia, com proema, com prosa porosa, com poesia rimada, com poesia de verso branco, com miniconto,....

Da mesma forma, se estamos acostumados com metalinguagem, como o poema referindo-se ao próprio poema, o poema enquanto objeto do próprio poema, e conceitos afins, talvez seja interessante repensemos também este conceito. Antes de mais nada, porque estamos repensando o

**Em Mostruário
Persa, o texto é uma
narrativa, possui
eu-lírico e, em
várias passagens,
pode ser
classificado como
neorromântico.**

conceito de poema, de poesia, a partir deste livro de Letícia Palmeira.

Em tempo: não nos propomos, e seria quixotesco fazê-lo, repensar tais conceitos aqui e neste exíguo espaço. E espaço de leveza (risos). Apenas toques.

O interessante é que Letícia Palmeira, com *Mostruário Persa*, livro de poesia, coloca em cena tais questões. E aí reside seu mérito e seu nó górdio.

Nó górdio porque – e aqui recorro ao termo “texto” a fim de não ser contaminado por nenhum outro já carregado ideologicamente – seu texto não se encaixa, “a priori”, nem em poesia em prosa e muito menos em miniconto.

O que se lê de poesia em prosa é, via de regra, prosa vazada por esfarrapadas características da linguagem poética. O resultado acaba sendo, na melhor das hipóteses, um poema ainda fortemente prosaico ou uma prosa carregada nas tintas da poesia. Em suma: um produto final marcado pela indistinção: não diz ao que veio. De Baudelaire, que inaugurou o estilo, aos mais duvidosos dos cadernos culturais digitais de hoje, como bem nota o poeta e ensaísta Paulo Toledo, é um “imbróglio” só.

Letícia Palmeira passa ao largo disso.

Seu mérito mora em fugir dos minicontos que buscam registrar em micronarrativas, lapsos poéticos: o estranhamento, a ambiguidade, o andamento melódico, a construção icônica, etc. Resultado: querem unir a objetividade da prosa com a ambiguidade da poesia. Raríssimas vezes o hibridismo funciona. Na maior parte dos casos e casos, o produto é um ornitorrinco verbal.

Em *Mostruário Persa*, o texto é uma narrativa, possui eu-lírico e, em várias passagens, pode ser classificado como neorromântico. No entanto, não é piegas, não foge à realidade, não é sau-

- dosista, não é sentimental, não é onírico, nem edênico. Talvez seu romantismo repouse no elogio e na invocação que faz da inspiração, quando se levanta contra o uso puro, simples e frio da técnica. E no andamento imagético e rítmico de algumas passagens que remetem o leitor ao estilo clariceano, um estilo com tiradas neorromânticas.

No poema 3, intitulado 'Dialética', o leitor vai se dar conta de que a ironia é fino, elegante e sofisticado recurso da poeta.

A ironia, por si, companheira das dissimulações e prima das astúcias, está presente neste poema, desde o título e a epígrafe, que cito: "Escrever é liberdade de expressão / Liberdade vigiada / Mas não deixa de ser palavra / E palavra diz quase tudo / Ou quase nada".

Na sequência, o poema enumera algumas características do escritor: o escritor quadrado, "da narrativa ensaiada e equilibrada com rede de proteção". É o tecnicista, que não ousa nunca e, ao contrário, aplica os manuais de "bem escrever", disciplinadamente. Outro tipo, o escritor plantonista instantâneo: capta a palavra que lhe vem à mente e não a trabalha. É o produto bruto, fruto puro de um "insight". O terceiro tipo é o escritor ambivalente, aquele que adora um trocadilho barato. Não percebe que o trocadilho da literatura é de outra verticalidade. O quarto tipo é o escritor saliente. "Caminhando, fingindo displicência, cresce feito erva daninha. Esse tipo é aparente e enche a boca de dente e má-criação, invadindo a arte cheio de vaidade com seu clamor por ser aplaudido".

E depois de citar os quatro tipos – curioso como ela não fica com os já canonizados "três tipos, três modalidades, três funções, três etapas, etc." e nem completa os redondos "cinco". Prefere morrer nos "quatro", talvez para ironizar a "tradição". E então conclui com uma frase

bombástica que lhe rende um único parágrafo: "O mundo está cheio de nós".

Bem entendido: nós enquanto pronome pessoal (e aí o eu lírico se incluiria, ironicamente) e nós enquanto substantivo (funcionando metaforicamente) – outra ironia, que envolveria escritores e leitores.

Finalmente, depois de breves considerações, conclui seu poema com essas tiradas: "Eu, por defesa, jamais me denominaria escritor. Não é meu ofício. Tudo o que faço é 'por distração, pois sou prolixo, genioso eu-lírico, e escrevo apenas pra esboçar sorriso frente à plateia de prontidão".

Poesia da mais fina cepa. Metalinguagem, linguagem e significado. Tudo somado em alta voltagem. Tem o que dizer, tem a forma de dizer, tem o modo de se comentar.

Enfim, o leitor lê, se diverte, se instrui, sabe mais, tem mais.

Sente que o que lê tem mais sabor, dá mais prazer.

Literatura é isso aqui.

Entre neste mostruário e vá escolhendo seu artefato. Agora foi o poema 3. Entre mais.

O poema 5, intitulado "Artesã" é um rol de promessas feitas a si próprio pelo eu-lírico. E a cada atividade exercida, o leitor vai vendo nascer à sua frente um eu metamorfoseante e bem curioso. Religioso, conservador, piegas, infantil, doce, humilde, ingênuo, etc., até que se depara, por exemplo, com um empenho assim: "vou expandir minha contínua hipérbole de ser".

E algo soa estranho. Fora do lugar. Fora da ordem. Fora do pensamento. Fora do trivial. "A hipérbole de ser": o que significa? Se "ser" já é uma grande questão existencial, para não dizer filosófica, que dizer da "hipérbole de ser"? E abrindo mais o verso: "minha contínua hipérbole de ser". Há, então, um projeto continuado da hipérbole de ser? E abrindo todo o verso todo: "vou expandir minha contínua hipér-

bole de ser". Esta promessa de explosão galáctica de ser, lança o eu lírico para além do que enunciado, já que a reverberação sonora (com licença, leitores, mas não é complicado e é rapidinho....) eu dizia, a reverberação sonora da bilabial de /p/ e /b/ em "ex/P/andar" e "hi/P/ér/B/ole" associada às toantes (= vogal tônica) em /i/ de "expand/I/r", "m/I/nha", "cont/Í/nua" lançam o objeto-desejo para esferas nunca dantes sonhadas, para espaços siderais ainda mais infinitamente infindos.

Escute o som mudo das bilabiais /P/ e /B/ associadas às vogais tônicas agudas /I/ no espaço sideral.

Agora pense no ganho de ambiguidade de sentido das palavras associado à musicalidade, a imagética poéticas.

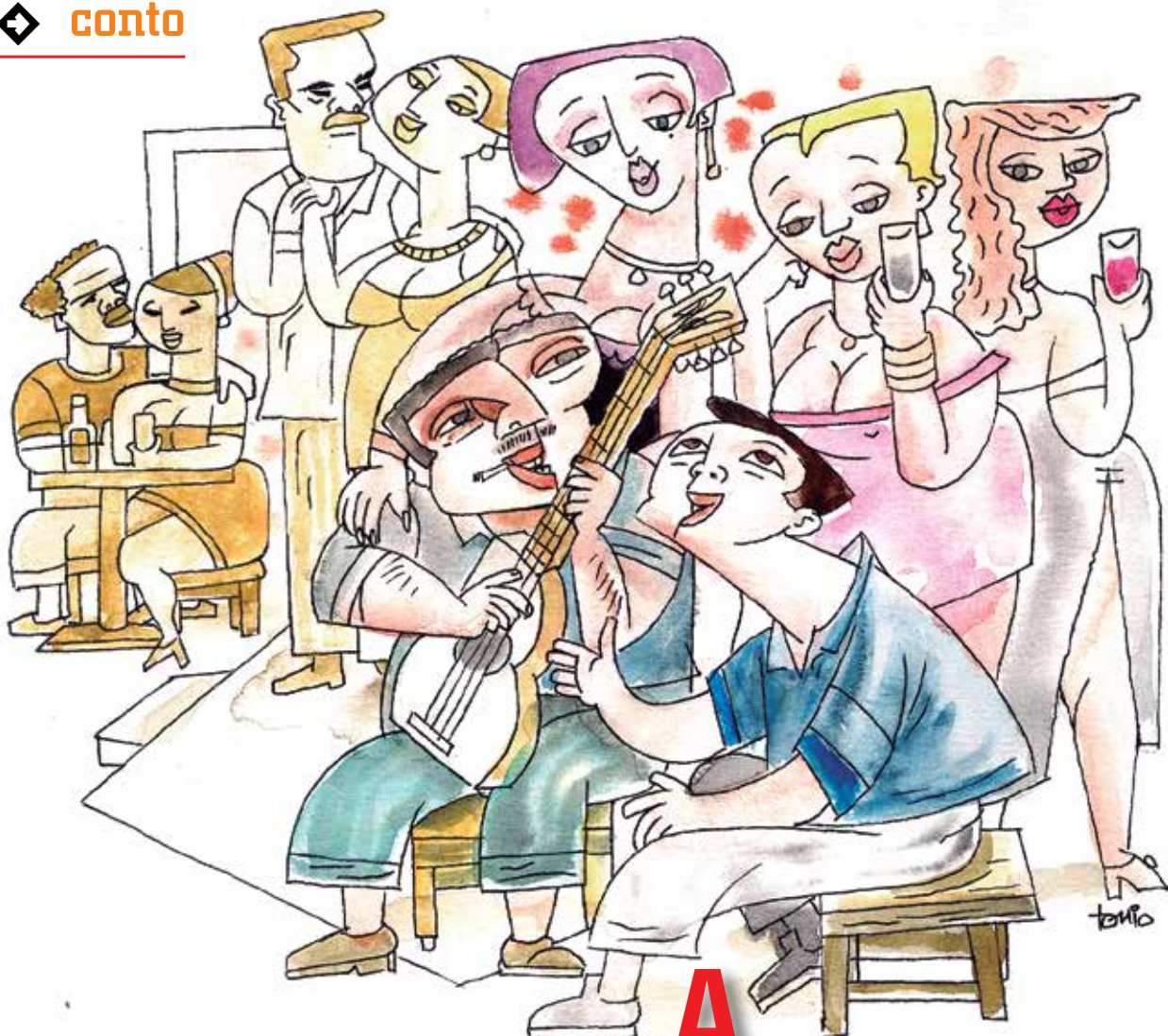
Pronto. Eis a força da poesia, seu tempo, lugar, espaço, aço e flor.

Eis o diferencial da poesia de Letícia Palmeira e seu *Mostruário Persa*.

Há tantos artefatos neste mostruário que ele já é armazém, venda, empório, vendinha, casa sertaneja, mercado, entreposto, alojamento, casa, museu. Morada da palavra. Morada da palavra. Morada do ser. Morada da poesia.

Ficar de olho no olho mágico da porta, no portal da capa do livro é um eu e eus nos acudam, deus nos livre-livro nos seduz e por isso portas se descortinam abertas. Signos se alçam no ar de cada arabesco, feito em sol, em sonho, em si. A realidade pede mais. A poesia, matéria viva, em beleza estende a mão. Na mão um livro pulsa. A poesia toda pulsa. No meu peito, no meu coração, na minha mente. No peito e no coração siderais, espaços infinitos afora. Ninguém segura a beleza da poesia sem dono deste mundo redondo sem fronteira. ✖

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



A segunda voz

*Rapaz! Leva esta mulher contigo
Disse uma vez um amigo
Quando nos viu conversar
Vocês se amam
E o amor deve ser sagrado
O resto deixa de lado
Vai construir o teu lar
Palavra! Quase aceitei o conselho
O mundo, este grande espelho
Que me fez pensar assim
Ela nasceu com o destino da Lua
Pra todos que andam na rua
Não vai viver só pra mim.*

Luíz Augusto Paiva da Mata
Especial para o *Correio das Artes*

Lupicínio Rodrigues

Meu pai, muito católico, era um homem que gostava de estabelecer preceitos morais sem pé nem cabeça e, via de regra, cheios de preconceitos. Dentre essas suas estranhas premissas que tirava não sei de que canto da cabeça estava a que dizia: Tânia é nome de mulher da vida e Mara também de messalina, reforçava ele. Não sei de onde ele tirou isso. Imaginem então, Tânia Mara...Não posso dar razão a ele. Tudo o que vou contar não passou de uma grande coincidência.

Bem, o que escrevi aqui, é a minha história, minha com Tânia Mara. Mas até chegarmos neste ponto, muita água rolou embaixo da ponte. Vou relatar alguma coisa para você que se prontificou a decifrar estes rabiscos que ousei escrever entre muitos copos e cigarros que consumi até terminar esses escritos. ▶

► Fui criado sob a égide da Igreja Católica Apostólica Romana. Batizado, crismado, fiz a primeira comunhão e todas outras quanto pude, até meus quinze anos quando também deixei de freqüentar os confessionários e um ano depois não fui mais às missas. Pelo gosto de meu pai era para eu ter ajudado o padre nas eucaristias quando moleco-te. Queria ele que eu tivesse sido coroinha. Eu não quis de jeito nenhum. Já ele, era quase padre. Diácono não é quase padre? Meu pai era diácono e minha mãe a maior papa-hóstia que vi em toda minha vida. Ele devoto de São Lázaro e ela de Santa Rita de Viterbo, esses santos tinham seus dias nas datas de nascimentos, respectivamente, de meu pai em 17 de dezembro e minha mãe em 6 de março. Filho único, ia me esquecendo de dizer. Cresci sob a proteção de todos aqueles santos que habitavam paredes e prateleiras de minha casa. Era imagem e retrato de santo em tudo que era canto. Até deixar de freqüentar a casa de Deus eu andava com um terço no bolso e uma cornetinha benta no pescoço.

Nunca, quando menino, ouvi um palavrão sair da boca de minha mãe. De meu pai raramente e, quando eu dizia um, o castigo era rezar uma Ave Maria e um Pai Nosso e bem alto para que Deus tivesse ciência de meu arrependimento. Frequentei com muita devoção as aulas de catecismo para fazer minha primeira comunhão e quando recebi o Corpo e Sangue de Cristo sob a forma de pão e vinho eu sabia muitas coisas do texto sagrado. E o que me desviou do caminho de Deus? A primeira coisa que irão pensar é que foram as drogas. Não foi. Nem maconha cheguei a fumar. Bebida? Também não, pois sempre bebi moderadamente, raras vezes exagerei na medida até ao que poderíamos chamar de um bom pileque. Só hoje, quando me propus a registrar esse pedaço da minha história é que tomei uns gorós a mais. Então, o que foi que me afastou de uma vida pia e de devoção ao Senhor?

Ah, meus amigos, minhas

amigas, vou contar: o que me arrancou dos bons caminhos (seriam bons mesmo?): foram os cabarés, se me permitem ser mais incisivo, os puteiros. A primeira vez que fui, quem me levou foi tio Arlindo. O quanto meu pai gostava de rezar esse irmão dele gostava de safadezas. Meu pai não bebia, não fumava e não jogava. Já o tio Arlindo... Bebia, fumava uma carteira por dia e se assanhava todo quando via uma roleta ou uma mulher. Bebida, jogo e indecências com mulher dama era com ele mesmo. Talvez por isso sempre gostei do tio Arlindo. Nunca se casou esse meu tio.

Quando eu tinha dez anos ganhei de tio Arlindo meu primeiro canivete. Era da marca “Corneta” e muito apreciei aquele agrado. Tenho até hoje e sempre tive muito zelo por esse regalo. Esse meu tio era assim comigo. Nunca esqueceu um aniversário meu. Embora muito diferente de meus pais, era muito querido em casa com seu jeito festeiro e bonachão. Até que numa tardinha de sábado, quando eu devia ter quinze anos mais uns meses, tio Arlindo apareceu em casa e pediu para meu pai me “emprestar”. Preciso do menino para me dar um auxílio, vou

cantar em um batizado e preciso dele para fazer a segunda voz comigo. Puxei à minha mãe que era contralto e cantava no coro da igreja. Tio Arlindo gostava de fazer dupla comigo para cantar música sertaneja, toda vez que aparecia em casa com violão em punho.

Quando saímos, perguntei a tio Arlindo onde ia ser o batizado, ele parou seu maverique, olhou bem para mim e disse o seguinte: hoje você não vai cantar. Vou levar você lá na Leontina para o senhor perder esse cabaço aí. Quinze anos e só na punheta! Desculpem-me, mas ele era assim, direto e sem meias palavras. Fiquei muito alvoroçado, mas aprovei a ideia, só estranhei um pouco que meu tio soubesse dessas minhas atividades sexuais solitárias.

Dona Leontina era meio gorda, alta, cabelos que deviam levar tinta amarela, já que o negrume das raízes denunciavam que ela não era loira nem aqui nem na China. Tinha olhos verdes, dentes de marfim, voz um tanto grave e devia estar mais perto dos cinquenta que dos quarenta. Abraçou meu tio como velhos amigos, deviam ser mesmo. Foi logo perguntando: então, é esse o menino, Dinho? Estranhei ela chamar meu tio de Dinho. Fiquei meio sem jeito ao vê-la dando uma geral em mim. Olhou-me dos pés à cabeça e foi dizendo: bonito seu sobrinho, vamos dar um jeito nesse cabaço. Dolores, leva esse menino no quarto número três. Vai com jeito que o garoto é cabaço ainda. Falou de um modo que parecia que iam me aplicar um injeção ou fazer um curativo. Dolores, não devia ser muito mais velha do que eu. Morena, cabelos cacheados e olhos de jabuticaba, magrinha, mas nem tanto. Linda, linda mesmo. Segurou minha mão e foi dizendo, vem cá meu bem. “Meu bem” foi.

Dolores sabia todas as indecências. A maioria delas eu nem supunha que existissem. Ficamos ali naquela batalha umas três horas ou mais, quando saí, ela ainda fez alguns elogios para que meu tio ouvisse: gostei da ferramenta do

**Passou coisa de um
mês quando Tânia
Mara me ligou no
escritório e disse
que se eu estivesse
disponível ela queria
cantar uma música
comigo: João e Maria
do Chico Buarque. Tu
conheces, guri?**

► menino. Ele me abraçou muito orgulhoso e foi dizendo: puxou ao tio, porque o pai é fraquinho de serviço. Muito desbocada, Dona Leontina deu uma gargalhada e disse que não tinha oração que levantasse pau de homem frouxo. Não gostei muito, porque achei que ela poderia estar falando do meu pai.

Depois disso, pelo uma vez por mês, tio Arlindo aparecia lá em casa me chamando para fazer segunda voz com ele em batizado, casamento, aniversário e mais do que ele lembrasse. Fazendo essa segunda voz que conheci, Dinorá, Celeste, Cidinha Peitão, Filomena, Das Dores, nega Tarcisa. Haja cantoria. Mas, comecei a cantar mesmo para pagar pelas travessuras com essa mulherada. Fazia a segunda voz para acompanhar meu tio quando o Regional Sabiá de Ouro aparecia para animar o cabaré de Leontina. As meninas gostavam de me ver cantando. Dona Leontina pedia que se alguém perguntasse minha idade eu dissesse que tinha dezoito. Não quero problemas porque você é “di menor”, dizia ela. Eu tinha dezesseis anos. Foi assim que entrei nessa vida até eu completar meu curso clássico no Liceu. Depois a faculdade de Direito. Cinco anos nessa luta, finalmente exame de Ordem. Passei de primeira. Nesse tempo todo não deixei de frequentar a casa de Leontina. Fui a outros cabarés. Em qualquer dessas casas que fosse, dava uma palhinha e não cobrava pela minha cantoria. Em nenhuma delas paguei para deitar com mulher. Sempre bem recebido. Depois de formado, só me chamavam de doutor. Gostava de ver as meninas pedindo para o doutor cantar: Canta doutor, Estrada da Vida; canta Boate Azul. Milionário e Zé Rico faziam muito sucesso nos cabarés do Brasil. Meu tio continuava firme por lá, mais nas mesas do que nas camas, sempre muito querido pelas meninas daqueles lupanares. Quando coincidiam nossas visitas, cantávamos juntos. Ganhávamos beijos e aplausos

Nem disse ainda, mas conhecemos Lupércio, acordeonista



da melhor qualidade, cego de um olho, varava noites na casa de Leontina. Desde que comecei a faculdade ele me acompanhava no acordeon. Tio Arlindo foi quem me disse: Lupércio matou a mulher e um sujeito que pegou com ela na cama. Pegou vinte anos, mas estava em condicional. Nunca toquei no assunto com o velho Lupa.

Montei banca de advogado e atuei para o que fosse requisitado, não me importava a causa, civil, tributária, criminal, trabalhista, o que fosse. Fui aluno estudioso e continuava assim. Tem gente que pensa que quem frequenta cabaré não pode ser dedicado aos estudos. Pode sim. Eu sempre fui.

Aluguei apartamento de quarto, sala, cozinha e banheiro e fui morar só. Minha mãe não gostou da ideia e chorou muito quando fui pegar minhas coisas. Deu-me um quadro com a imagem de São Lázaro, bem velhinho, pouco vestido, de bengala com dois cabritinhos em volta dele pedindo carinho. Ainda

disse para eu não me fiar em tio Arlindo que era uma boa pessoa, mas não tinha um pingote de juízo. Todas as noites iria pedir a Santa Rita que guiasse meu caminho. Nunca deixei de visitar minha mãe. Muitas tardes fui tomar um café com ela. Telefonava antes e ela preparava o bolo de laranja melhor do mundo. Meu pai queria saber se eu tinha plano de saúde, se fazia minhas economias. Eu os tranquilizava, mas não fazia nem uma coisa nem outra. Era mais ou menos assim minha vida: durante o dia no escritório, à noite cantando e derrubando as meninas, cada vez uma diferente. Final de noite eu, tio Arlindo e o sanfoneiro Lupércio colocávamos as prosas em dia. Cervejas e as coisas da vida. Antes de sairmos, o velho Lupa vinha com suas máximas: “quando as borboletas se vão os lobos devem voltar às suas tocas”. De segunda à quinta o cabaré fechava às duas da manhã, sexta e sábado não tinha hora. Domingo não funcionava.

Era assim minha vida. E me ►

► perguntariam: quem fazia as coisas para você em sua casa? Quem? Lembram-se de nega Tarcisa? Pois bem, o peso dos anos foi afastando nega Tarcisa da profissão. Ajeitei para ela a aposentadoria, consegui plano de saúde, o mais básico, mas era uma garantia nas horas de precisão. Garanti uma velhice tranqüila e ainda pagava o salário todo quinto dia útil, impreterivelmente, vale transporte, etc. Tudo como mandam a lei e os agradecimentos. Nada das safadezas de outros tempos, agora nega Tarcisa servia ao doutorzinho dela como se este fosse um príncipe.

Tudo ia correndo em céu de brigadeiro e em mar de almirante até que um dia Dona Leontina resolveu renovar seu plantel. Mandou uma de suas meninas para lá, outra para acolá, aposentou umas e foi buscar uma safra nova de gaúchas, lá em Alegrete. Gente nova no pedaço, o cabaré se inflama, lota de gente. Tio Arlindo, Lupércio e eu marcamos prontidão, cuidamos do repertório e naquela noite quando cheguei fiquei sabendo que íamos dividir o palco e os microfones com uma das recém chegadas: Tânia Mara.

Tânia Mara, alta, esguia, olhos azuis, loira, linda, linda. Onde Dona Leontina fora encontrar aquela deusa? Sou de Rosário do Sul, pertinho de Alegrete, muito prazer. Ela foi se apresentando quando cheguei e logo entabulou conversa: tu és o doutor que vai cantar comigo? Sou eu, respondi. Então te aproximes e vamos ver esse repertório. Que horas começa o fandango. Começa o quê? Quis eu saber. O baileco, o bailinho, não sei como tu chamas aqui, Tânia Mara esclareceu. Aqui nem tem nome, baile dentro da zona pode ser qualquer coisa. Continuamos, eu no “você” e ela no “tu”. A conversa foi fluindo e vimos que ia demorar um pouco para fazermos uma dupla. Ia ser difícil cantarmos juntos. O que cantas? Ela perguntou. Aqui rola muito sertanejo, forró, um bolero e um tango muito raramente. Então eu quis saber: e você, o que gosta de cantar? Para



minha surpresa: milonga, xote, vaneirão, conheces? Eu não conhecia. Então decidimos que de princípio eu cantava as minhas e ela cantava as dela. Apresentei Lupércio. E ela: és o gaitero? Como? Meu amigo demorou a descobrir que ela quis dizer sanfoneiro.

Na primeira noite Tânia Mara não se apresentou no cabaré de Dona Leontina, nem nas seguintes. Demorou para ela e o pessoal do Sabiá de Ouro se entenderem. Com Lupércio um pouco mais. Nesse tempo Tânia Mara freqüentou a mesa dos clien-

tes, bebeu com eles e foi para cama com alguns, os das contas bancárias mais gordas eram os eleitos. Essa galega se tornou a grande atração da casa. Enquanto as outras meninas tinham que cumprir a rotina de dois ou três clientes, Tânia Mara ficava em um só e no final do expediente, como um troféu aos que resistissem ao sono, às bebidas e às despesas. Quando começou a se apresentar, se não estava no palco corria as mesas, era agradável e educada. Tratava todos com muito respeito. E que voz.

Uma noite Dona Leontina me apontou Tânia Mara e disse: essa menina é uma alma diferenciada, ilumina nossa casa como a luz de um refletor. Não sei de onde ela tirou essa comparação, já tinha lido ou ouvido isso em algum lugar, mas tive que concordar.

Passou coisa de um mês quando Tânia Mara me ligou no escritório e disse que se eu estivesse disponível ela queria cantar uma música comigo: João e Maria do Chico Buarque. Tu conheces, guri? Eu conhecia, disse que topava e só pedi que Lupércio nos acompanhasse. Claro que sim, podes chamar o gaitero?

Era uma sexta-feira e o cabaré estava cheio. Cantamos e fomos muito aplaudidos. Quando descemos do palco, Tânia Mara chegou bem pertinho de mim, no meu ouvido: hoje vamos ter peleia, tu não me escapas. Tu me levavas quando o cabaré terminava? O que eu poderia responder? Claro que sim, Tânia. Ela ainda completou: me chamas de Tânia Mara, eu prefiro.

Fomos para meu apartamento, ainda bem que a nega Tarcisa deixou tudo ajeitado, havia trocado os lençóis, e colocou um incenso de mirra para queimar na sala. Os livros na estante (eu gostava muito de ler), uma plantinha aqui, um quadro ali na parede, nem parecia residência de solteiro. Eram quase cinco horas e o sol de verão já vinha todo cheio de ousadias e enchendo nossos corações de quentura. Fomos juntos para o chuveiro e depois do sabonete de muita água morna nos enxugamos

► com muita delicadeza e ternura, um ao outro. Então aconteceu aquele beijo esperado. Por mim e ao que parece, por ela também. Olhei aqueles cabelos molhados, aqueles olhos azuis e o sorriso que brotou daqueles lábios de Sofia Loren. Foi quando veio aquela voz macia me dizendo: tu estás mais faceiro do que guri de bombacha nova. Imaginei o que ela quis dizer. Era verdade.

Que final de noite foi aquele. Despertamos com sol a pino, graças ao bater de panelas da nega Tarcisa. Levantamos e vimos a mesa posta para dois. Aquele anjo de ébano sabia das coisas. Depois dessa refeição Tânia Mara perguntou o que um doutor de anel com pedra vermelha no dedo ia cantar num cabaré. Não sei Tânia Mara, gosto dali. Tenho amigos, o Lupercio, que é como se fosse um irmão mais velho. Meu tio Arlindo que não sai de lá é mais que um pai. Dona Leontina é do bem. Ser cafetina não a faz pior que muita beata que conheço. É boa conselheira, dentre outras virtudes. E você? Foi minha vez de perguntar.

Bem, nasci perto de Alegrete, mas foi lá que estudei. Fiz até o Curso Normal. Cheguei a trabalhar como professora uns anos, até gostava, mas financeiramente não valia a pena. Casei mocinha. Meu ex-marido ainda tem um armazém lá em Alegrete. Quando deixei de lecionar fui trabalhar com ele. Mas era um ciúme louco. Tivemos um filho que hoje está com dez anos. Não podia atender ninguém com educação que ele dizia que eu estava me insinuando. Até que um dia me bateu. Bateu muito, mesmo. Fui para casa de meus pais que me fizeram voltar pois não queriam chinoca sem seu gaudério dentro da casa deles. Nem sei quantas vezes me bateu. Até que me colocou fora de casa e ficou com o meu piá. O juiz deu a guarda para ele. Em resumo foi isso, não vi outro caminho, sempre soube que era bonita, tinha uma voz razoável. Enfim, foi assim que caí nessa vida.

Vez ou outra, clientela fraca, pouca gente, ou gente sem

grana, ao final do “expediente” levava Tânia Mara para meu apartamento. Houve até noites em que não rolou aquilo que o leitor deve estar pensando. Conversávamos muito nessas ocasiões, mais de música do que qualquer outra coisa. Numa dessas vezes me beijou e com muita delicadeza e me perguntou se eu conhecia esses versos de Chico Buarque: “seu abraço é meu emprego quando chego no meu lar”. Eu conhecia e fiquei surpreso com essa lembrança dela. Por que me dissera isso? Então ela me disse: é assim que me sinto quando venho para sua casa. Gostei muito de ouvir aquilo. Numa outra vez, ela me fez um macarrão alho e óleo como nunca comi igual. Abrimos uma garrafa de vinho tinto. Conversamos um pouco quando a vi chorando. Estou com saudade do meu piá, disse-me ela. Abracei Tânia Mara com toda ternura que cabia em meu peito. Nunca tive filhos, mas imaginava a dimensão daquelas saudades. Na maioria das vezes o que acontecia, nem preciso dizer. O que aconteceu lá pelos dentro de mim vou precisar desenhar para que entendam? Isso mesmo, eu me apaixonei por Tânia Mara.

Começou ficar difícil encarar as atividades dela como algo meramente profissional, como algo natural, não dava mesmo. Nessas horas em que a dúvida bate forte em nosso coração, nada como aqueles amigos do peito para um conselho, um palpite que seja. Então recorri a Lupércio. Conversei para ele que Tânia Mara era a mulher de minha vida, não ia encontrar outra com aquela sensibilidade, aquela inteligência e capaz de me enlouquecer durante as diabruras nos lençóis. Onde vou encontrar uma mulher dessas, Lupércio? Bonita ainda por cima, onde Lupa? Onde? Então ele me perguntou: vocês se amam? Claro que sim, respondi. Então, vai aqui meu conselho, es-

quece tudo isso, deixa essa vida para trás, vai construir o seu lar, vai ter filhos, segue em frente meu amigo.

Naquela mesma noite, saímos mais cedo, eu e Tânia Mara. Fiz minha proposta para ela. Eu também ia deixar de frequentar o cabaré, ia me dedicar a advocacia por inteiro, podíamos construir uma família. Posso ver alguma manobra jurídica para trazer o seu filho. O que você acha, Tânia Mara?

Tínhamos resolvido andar um pouco a pé, ver a lua, aquela bola de prata bem visível em cima de nós. Ela estancou os passos, olhou-me nos olhos e vi ali dois pedacinhos do céu deixarem correr duas lágrimas. Você é o melhor homem que conheci em minha vida. Nenhum dos que com quem estive eram sequer a metade do que você é. Mas, meu querido, o que faço não foi a vida que escolheu para mim, a escolha foi minha, não pertence a ninguém e ninguém me pertence. Não sei viver de outro modo e para ser sincera, nem quero viver de outro jeito. Nem tive coragem de argumentar. Entendi, Tânia Mara me amou do jeito dela, mas não ia viver só para mim

Assim, terminou minha história com Tânia Mara. Quase fui na onda dos conselhos de Lupércio. Nunca mais frequentei um cabaré. Não tive mais notícias dela. Lupa morreu uns dois anos depois. Dona Leontina, faz uns anos que foi falar com Deus e seu cabaré, pelo que sei, não existe mais. Tio Arlindo ainda vive, mas num abrigo para idosos, está com mal de Alzheimer em estágio não muito avançado. Faço visitas com alguma frequência, mas ele pouco se recorda de nossas vidas. Por incrível que pareça, ainda gosta de cantar seus boleros, nessas horas dou meu socorro fazendo a segunda voz. Quando a memória dele dá uma trégua faça? Alzheimer? ✖

Luiz Augusto Paiva é bacharel em matemática, professor, escritor. Tem livros publicados de contos e de crônicas. Publica toda quarta-feira na coluna 'Crônica em Destaque' do Jornal A União. Atualmente é presidente da União Brasileira de escritores - UBE - PB. Colabora com consultoria para autores de livros didáticos de matemática da Editora Ática e Editora do Brasil. Natural de Campos do Jordão, reside em João Pessoa.



A frustração artística

Eu era ainda uma criança quando descobri a frustração artística. Tinha 12 anos e gostava de copiar as imagens dos heróis que eu achava nos gibis e nas revistas de videogame. Registrava as datas nos desenhos e colecionava numa pasta, um classificador que minha mãe guardava junto aos álbuns de família, mostrando para todas as visitas que iam à minha casa. Eram rabiscos em grafite, que evoluíram para a caneta e que teriam chegado ao nanquim se eu tivesse me dado a chance de continuar. Se eu não tivesse parado, feito uma fogueira no quintal e queimado toda a minha obra. Se eu não tivesse conhecido Daniel Makino.

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



► Como eu, Makino era a único garoto diferente da escola. Tínhamos viajado três dias de carro e morávamos no interior de São Paulo, nesta época. Os antepassados de Makino, no entanto, tinham viajado mais de um mês e vindo de navio do Japão. “Você é sansei, nissei ou *nãosei*?”, brincavam os colegas, e foi com Makino que aprendi o olhar oblíquo que tentava sem muito êxito imitar, sempre que alguém olhava para os enfeites da minha bicicleta e me chamava de *baiano*.

Makino também desenhava e, junto comigo, estava entre os melhores alunos da turma. Diferente de mim, porém, desenhava à mão livre e tinha o que, bem mais tarde, fui entender como o rudimento de uma técnica ou do que os artistas costumam chamar, com certa relutância, de *estilo*. Criava os próprios personagens e um dia chegou a fazer a caricatura fiel de um professor. Encontrava seus desenhos sempre jogados no lixo, depois de passarem de mão em mão pela classe arrancando risos e manifestações de admiração dos colegas.

Um dia, sem que ninguém visse, recolhi um desses desenhos e levei para casa. Tentei copiá-lo como fazia com as imagens que me serviam de modelo dos gibis e das revistas. Usei muitas vezes a borracha antes de considerar o esboço em grafite relativamente pronto. Corrigi as imperfeições e artefinalizei com caneta. Soprei os fragmentos de borracha e lá estava a minha obra-prima, ainda cheia das marcas de lápis, mas uma imitação perfeita da criação de Makino. Fiquei alguns instantes contemplando os dois desenhos e coçando a orelha onde a pulga do fracasso começou a me plantar a dúvida: “Qual deles afinal era o melhor?”

Aproveitei que o meu ainda não estava assinado e o de

Makino, como sempre, nunca estampava a sua assinatura, e procurei minha mãe. Coloquei os dois desenhos na sua frente e perguntei, como se ambos fossem meus: “Mãe, qual deles ficou mais bonito?” Minha mãe, cuidadosa, parou o que estava fazendo e comparou as duas folhas para dar o seu parecer. “Hum... difícil dizer, meu filho.” Eu bati o pé com ansiedade. “Tá, mas e se você tivesse que escolher só um pra guardar?” Minha mãe afastou uma das folhas e me entregou o desenho de Makino. “Esse aqui então, meu filho.”

“Tem certeza, mãe?”, eu perguntei ainda, já um tanto humilhado, quase implorando para que ela mudasse de ideia. Ou persistisse na dúvida. “Sim, muito melhor.” Eu devo ter murchado de uma maneira que só então ela percebeu a armadilha. “Calma, espera aí, qual dos dois *você fez*?” Eu apontei para a cópia, rejeitada na mesa. “Esse.” Ela tentou então modificar o discurso, ser diplomática, mas o estrago já estava feito. “Como eu disse era difícil escolher, meu filho, são muito parecidos...”, ouvi ainda ela dizer da cozinha, enquanto eu sacava a pasta de desenhos do armário, escondia debaixo da camisa, e ia para o quintal ruminar a minha derrota.

Parei de desenhar e comecei a escrever. Voltei com a família para a Paraíba e, por muitos anos, não tive notícia de Daniel Makino. Eu ainda guardava o seu desenho e o invejava pela carreira artística que, eu tinha certeza, ele tivera mais talento e competência para trilhar. Já não lia tantos gibis, mas se os folheava nas bancas era na esperança vã de ler o seu nome entre os criadores. Até que me dei conta

de que nunca havia esquecido seu sobrenome, e se desse a sorte de ele estar no Facebook, teria grandes chances de saber alguma informação da sua vida.

Digitei o nome completo e lá estava ele, logo na primeira ocorrência: o bom e velho Daniel Makino, com seu olhar oblíquo, como se tivessem acabado de lhe chamar de *nãosei*. Adicionei aos amigos. Procurei ávido pelas fotos: Daniel Makino e sua esposa. Daniel Makino e seu cachorro. Daniel Makino e seu bebê. Nenhum vestígio de sua arte, de seus desenhos... Nenhuma notícia de sua trajetória como quadrinista de sucesso da Marvel ou da DC. Na biografia: Daniel Makino, diretor de operações de um estúdio. Não de artes gráficas, como cheguei a pensar apertando no link da empresa, mas de cinema e TV. Daniel Makino continuava criativo. Mas por alguma razão, parara de desenhar.

Até hoje, quando escrevo esta crônica, penso nela como a parábola para uma história cuja moral ainda não consegui definir qual é. Talvez que a virtude da arte e o defeito da vaidade tenham contornos muito parecidos, às vezes impossíveis de se apagar com a borracha. Talvez que criatividade e o talento não sejam atributos maiores que a prática para fazer de um artista o que ele é, se a sua carreira consegue resistir à fogueira do quintal ou à sepultura das gavetas. Talvez que a arte, como disse certa vez um professor de literatura quando lhe perguntaram quem era melhor, Kafka ou Tolstói, pode até ser um território de disputas e apostas. Mas é bem mais complexa do que uma mera corrida de cavalos. ✖

Tiago Germano é escritor, autor do romance “*A Mulher Faminta*” (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas “*Demônios Domésticos*” (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa.

Lau Siqueira

e o seu INVENTÁRIO POÉTICO

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Quanto mais leio poetas como Lau Siqueira, mais percebo o quanto é difícil ser um poeta tão talentoso e fácil de se ler, como ele; ao passo que é fácil ser um poeta tão fraco e difícil de se compreender, como muitos que se acham iluminados e injustiçados com suas “genialidades” publicadas. A verdade é que poesia não é tese, é arte. Poesia tem que ter inventividade, mas tem que ser legível também para o leitor.

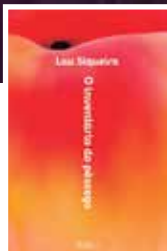
O *Inventário do Pêssego* (Casa Verde, 2020) é uma boa oportunidade de confirmar o que está escrito no parágrafo anterior. A obra traz seleção de textos de cinco livros do autor, mas alguns poemas inéditos. Uma antologia bem particular, que traz poemas clássicos de Lau Siqueira – como “Aos predadores da utopia” – e outros que quem acompanha sua produção poética já conhece. Quem não acompanha, vai conhecer um poeta que consegue ser discursivo e inventivo, marginal e concretista, clássico e vanguardista. Um poeta que sabe todos os recursos literários possíveis para fazer uma das melhores poesias contemporâneas brasileira.

O livro começa com “O comício das veias” (1993). É a primeira obra de Lau Siqueira, lançada, na época, em parceria com a jornalista e escritora Joana Belarmino. Nela, já se encontra o cartão de visitas do poeta gaúcho, que adotou e foi adotado pelo estado da



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Lau Siqueira e a capa de seu novo livro, obra que reúne o melhor de sua produção



Paraíba: poesia concisa, irônica, que sabe brincar com a linguagem, sobretudo. Senão, vejamos o poema “Cobaia”:

não existem feridas
que não cicatrizem

mas a marca funda
de um olhar amargo

dói como a dor de
um bicho esmagado.

“O guardador de sorrisos” (1998) foi, talvez, o livro que catapultou o nome de Lau Siqueira para os leitores de poesia no Brasil contemporâneo. Poemas como “Síntese”, “Carapuça”, “O guardador de sorrisos” e “Pornografia brasileira” tornaram-se conhecidos via blogues e outros canais alternativos que, junto com o livro, tornaram Lau Si-

queira um poeta it. É deste livro “Aos predadores da utopia”:
dentro de mim
morreram muitos tigres

os que ficaram
no entanto
são livres.

“Sem meias palavras” (2002) é o livro seguinte, mas com a mesma pegada característica de Lau Siqueira. Aqui, no entanto, há uma preocupação, digamos, mais social do poeta. Isso se percebe em poemas como “Condição perene” e no longo e lírico “As flores mallarmaicas”. Há poemas existenciais, também, sobre a morte e sobre Deus (“dizem que ele vive em tudo”).

De 2007 chega o livro “Texto sentido”. Neste, a experimentação de Lau Siqueira abandona um pouco a poesia curta, concisa, quase epigrama às vezes, para se aventurar em poemas longos. E que bela aventura ele proporciona ao leitor! Poemas como “Figo maduro”, “Teia”, “Pequenas chuvas”, “O discurso da pele”, “Círculo do sol” e “Bobo da corte” mostram que Lau Siqueira tem segurança e domínio da linguagem. Sabe ser discursivo sem perder o estilo que vem desde o primeiro livro, aquele cartão de visitas que falo no início desse texto.

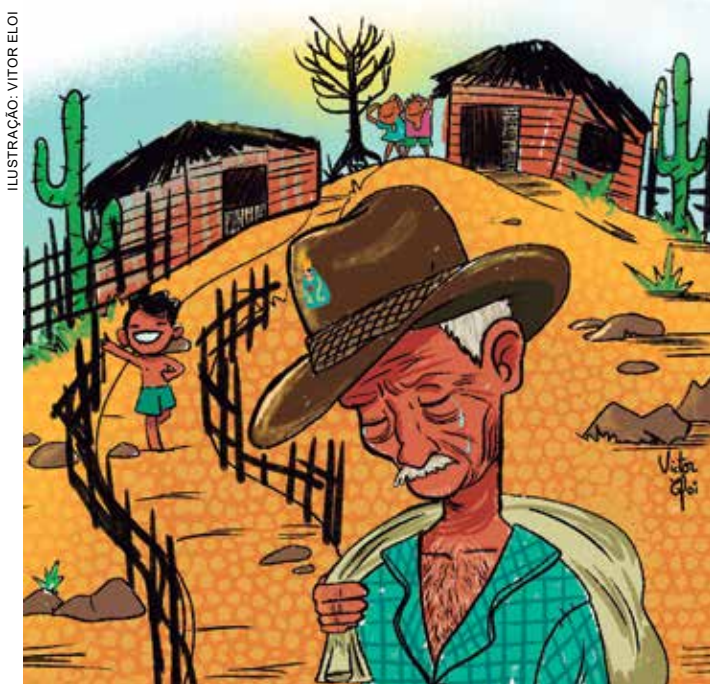
A última seção de “O inventário do pêssego” traz poemas inéditos do autor, com a mesma variação entre poemas curtos e longos, entre a vanguarda e o clássico. “Viver é um punhado de coisas espalhadas pelo tempo. Vivemos recolhendo achados e perdidos”, diz Lau Siqueira em texto de apresentação do livro. Digamos que seus livros são um punhado de poemas espalhados pelo vento, com achados e linguagem que o coloca no primeiro time da literatura brasileira atual. 

Linaldo Guedes é poeta paraibano. Publicou “Os zumbis também escutam blues” (1998), “Intervalo Lírico” (2005), “Metáforas para um duelo no sertão” (2012) e “Tara e outros otimismo” (2016). Reside em Cajazeiras, Paraíba.

O pão nosso de cada dia

Jesuíno André

Especial para o *Correio das Artes*



Osertanejo é um homem forte. Muito forte para suportar a força da natureza e o descaso dos outros homens. João Justino era um deles. Sofreu até não aguentar mais uma seca violenta que abateu o Sertão paraibano. Morava num pequeno sítio com a família numerosa: a mulher e dez filhos. Ele trabalhava muito para botar comida na mesa, mas os tempos eram difíceis.

Todo sábado, João Justino ia a pé para a feira na cidade que ficava distante cerca de uma légua. Ia sozinho, sem um tostão no bolso, apenas com a esperança no coração para tentar conseguir algum alimento e encher a barriga dos filhos. Aparentava mais dos que os seus 60 anos, o verniz da amargura estampava nas rugas do seu rosto numa velhice triste e infeliz. Em casa, as barrigas roncavam como uma sinfonia desafinada à espera ansiosa do pão nosso de cada dia.

João Justino estava angustiado, pois pressentia que não conseguiria a sagrada comida para amainar a fome da família. Mas ele tentaria. Foi o que aconteceu: chegou, tentou,

tentou e nada conseguiu. Apelou para os homens e os santos, e nenhum se fez presente. Aquilo não era vida, era uma penitência.

Voltou como foi: mãos e o saco de pano vazio. Seu esturricado pedaço de terra ficava no alto de um morro, onde se avistava o caminho que entrecortava o pequeno vale. Lá de cima viam-se quem chegava ao longe. Quando Justino apontou no vale distante, todo o morro lhe esperava.

Aos poucos a tristeza fez morada na sua alma, consumindo-o dolorosamente. Não tinha o pão e isso lhe caía com uma ofensa moral. Num delirante e repentino lampejo de raciocínio, e para não quebrar a minguada esperança dos que lhe esperavam, resolveu encher o saco com alguns seixos de pedras amareladas e quentes que encontrou pelo caminho. Após fazer um bom volume, carregou o saco na cabeça para que todos vissem na ilusão que havia comida em fartura. Os pequeninos lá em cima, olhando para a mãe, abriram os olhos e as bocas em breve contentamento.

- Mãe, lá vem pai com a comida! - disse um deles com a voz fraquinha.

Sob um céu azul e sol inclemente, a caminhada foi penosa para Justino. Após a subida e assim que os encontrou, ainda com o saco na cabeça, quedou aos pés dos seus queridos, fulminado por um ataque cardíaco. Logo ele, um homem de coração tão bom...

Dizem que viver é uma ilusão. A fome de viver é uma ilusão. Justino foi vencido nessa vida. A família foi dispersa. Seguindo o destino, uns foram viver com alguns parentes, outros ficaram soltos pelo mundo. A mulher ainda teve outro casamento.

A vida é difícil para todos, mas para alguns ela é impossível. ✖

Jesuino André de Oliveira nasceu no interior da Bahia e mora em João Pessoa (PB) desde os anos 1980. É redator-publicitário, produtor cultural e editor do podcast *MeuSons*. Publica suas crônicas nas redes sociais: Instagram: @jesuinooliveira; Twitter: @jesuinoandre.

Litania

Minh'alma está na ferrugem
dos dias
e na chuva que faz abrir
os girassóis na janela.

Não tardo em amanhecer
sob o inverno
nas leves sementes
do Ser.

Minh'alma reza uma velha
litania de viver
na aritmética noturna
dos búzios.

Solidão

A solidão
é um gerânio de fogo
iluminando os vazios da vida.

A solidão
é uma estação de trem
e o apito de aviso
para a última partida.

A solidão
é como o deserto
sua aridez
e os minerais da morte!.

Origem

Abro as janelas
pela manhã,
conheço a noite
de onde venho,

um pássaro misterioso
entendeu-me suas asas!

Memórias

que caiam sobre mim
os ventos da memória
e a liturgia dos dilúvios.

que caiam sobre mim
as dores e conflitos da alma
do meu incerto destino!

que caiam sobre mim
os linhos da s incertezas
e das memórias
não ressuscitadas.

Passagem

O tempo em mim polia
os minerais do vinho
da vida.

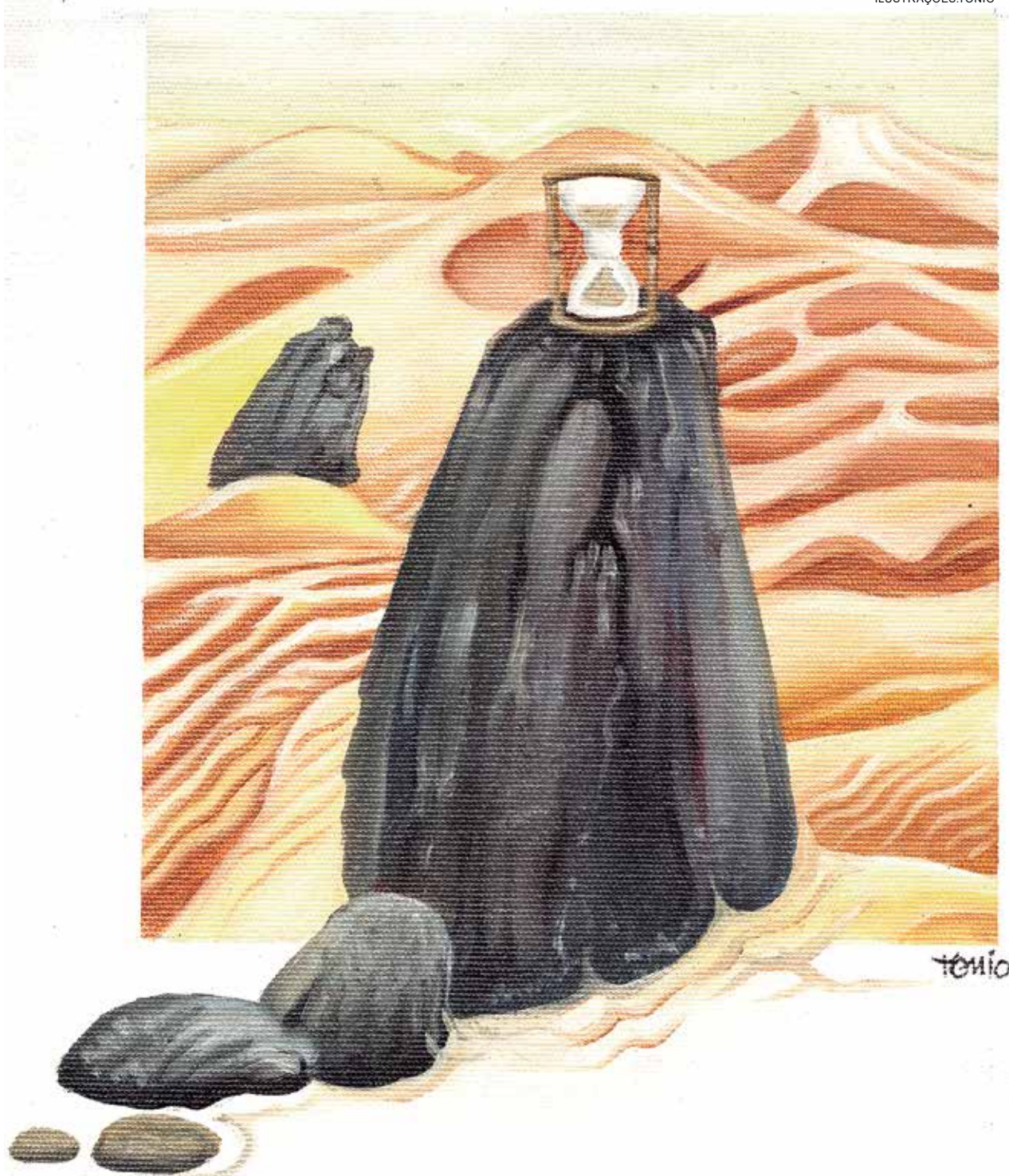
O tempo em mim trazia
a alma em aflição
a sete palmos do chão.

em tudo o tempo
é absoluto
plantando os roçados da morte,
choro e lágrimas.



edeiros

ILUSTRAÇÕES:TONIO



Irani Medeiros, poeta nascido na cidade de Pombal, reside em João Pessoa, tem vários livros publicados sobre na área da literatura popular. recentemente teve o livro *O Último Café Noturno*, publicado pela Editora Mondrongo da Bahia.



Dia *de mar*

Tem dia que só olhar o mar basta. Chegar à mureta de uma pousada barata, a mais rudimentar de todas, mas que tem areia ao redor e que se cerca de alguns ramos. Que tem brisa que, abelha amiga, pousa no rosto, ferroa-o de leve. Que tem uma cabaninha coberta de palha para abrigar duas palavrinhas com a amada. Não precisa de gaivota que pesa o sol nas costas. Apague-se a gravata (largada na areia numa farra de formatura) onde se enforcam caranguejos. Apenas o mar, protestando ao céu todo o azul. O mar. Com a sua mão aberta abafando os espirros. ✖

Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).



127
Anos

Fazendo história desde 1893

O jornal A União está diariamente com o leitor que gosta de estar bem informado sobre as principais notícias da Paraíba, do Brasil e do mundo.

São matérias diárias sobre economia, esportes, cultura e entrevistas com a credibilidade de um jornal com 127 anos de história.

Fale com A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6544
comercialauniaopb@yahoo.com.br
publicajornalauniao@gmail.com

Peça seu orçamento (83) 3218.6525
orcamento.auniao@gmail.com

Sugestão de pauta? (83) 3218.6539
uniaogovpb@gmail.com

Diário Oficial (83) 3218.6533
wdesdiario@epc.pb.gov.br

Faça sua assinatura (83) 3218.6518
circulacaoauniaopb@gmail.com

Publicidade Legal (83) 3218.6526
comercialauniaopb@yahoo.com.br



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Faça parte do Sesc!



Comerciário

- ✓ Comprovante de Residência
- ✓ Carteira de Trabalho
- ✓ RG e CPF
- ✓ PIS/PASEP
- ✓ Foto 3x4
- ✓ Cópia da GRF e GPS

Dependente

- ✓ CTPS do Comerciário
- ✓ RG
- ✓ CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- ✓ Foto 3x4
- ✓ Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- ✓ Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniado

- ✓ Comprovante de Residência
- ✓ Declaração do Convênio
- ✓ RG e CPF
- ✓ Foto 3x4

Usuário

- ✓ Comprovante de Residência
- ✓ RG e CPF
- ✓ Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS
DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

informações: www.sescpb.com.br | (83) 3208.3162